

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA - SE**

ALEXANDRA OLIVEIRA MONTEIRO

GÊNERO DISCURSIVO SEMINÁRIO: UM OBJETO DE ENSINO

**Itabaiana/SE
2018**

ALEXANDRA OLIVEIRA MONTEIRO

GÊNERO DISCURSIVO SEMINÁRIO: UM OBJETO DE ENSINO

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana - da Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana/SE, como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

ORIENTADORA: Prof^ª Dr^a Márcia Regina Curado Pereira Mariano

**Itabaiana/SE
2018**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M775g Monteiro, Alexandra Oliveira.
Gênero discursivo seminário: um objeto de ensino/ Alexandra Oliveira Monteiro; orientadora Márcia Regina Curado Pereira Mariano. – Itabaiana, 2018.
93 f. ; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

1. Argumentação. 2. Gêneros discursivos Oraís. 3. Retórica.
4. Seminário. I. Mariano, Márcia Regina Curado Pereira. II. Título.

CDU 808.5

ALEXANDRA OLIVEIRA MONTEIRO

GÊNERO DISCURSIVO SEMINÁRIO: UM OBJETO DE ENSINO

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

Aprovada no dia 23 de fevereiro de 2018.

**Profª Drª Elza Ferreira Santos
(AVALIADORA EXTERNA)**

**Profª Drª Elaine Cristina Silva Santos
(AVALIADORA INTERNA)**

**Profª Drª Márcia Regina Curado Pereira Mariano
(ORIENTADORA)**

Dedico este trabalho aos meus filhos, porque os olho e sinto o amor da maneira mais concreta que existe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por cuidar das minhas inquietudes e, pacientemente, olhar por mim em todos os momentos.

Aos meus filhos queridos, amores que impulsionam as minhas conquistas. Quantas vezes precisei que **Beatriz** olhasse o irmão enquanto eu estudava e quantas vezes precisei que **Miguel**, tão pequeno, entendesse a minha ausência e falta de paciência. Obrigada de todo o meu coração.

À minha **família**, torcida constante de minhas realizações, principalmente às minhas mães **Raimunda** e **Jé**, porque sei o valor da oração de uma mãe.

À minha **irmã Aclecy**, por estar ao meu lado sempre.

À minha amiga **Wal**, porque sem a sua amizade iria ser muito mais complicado. Sua parceria foi, literalmente, o concreto que me motivou sempre que me encontrava cansada e desestimulada. Nossos desabafos, aflições e risadas serão contados sempre.

Ao meu amigo **Cledivaldo**, por ser tão cuidadoso, prestativo e paciente com minhas falhas. Seus “posso ajudar” aliviaram o meu desespero. Meu “muito obrigada” é pouco para o que você merece.

À minha orientadora **Márcia Mariano**, por ser exemplo de profissional. As palavras são pequenas para eu expressar o quão sou grata. A cumplicidade com a qual lida com seus orientandos mostra que existem seres humanos que aprenderam a ser mestres de conteúdo e de alma. Obrigada, professora!

A **todos os professores do Profletras**, em especial a **Carlos**, por lutar pelo Profletras e por nossa turma e a **Christina Ramalho**. Vocês não têm noção do quanto mudaram a minha história com lições de literatura e de vida. Obrigada!

Ao professor **Anderson Gois** e à professora e amiga **Tássia Alexandre Bertolo**, por contribuírem com as atividades de forma atenciosa.

Aos meus **colegas de mestrado** e hoje amigos, em particular à **Ivânia**, à **Paula** e à **Piedade**. Vocês ficarão guardados no meu coração.

Aos **meus amigos**, todos eles, que me acompanham nessa jornada cansativa e poética que é a vida. Aqueles que me apoiam nas festas, nas tristezas e nos estudos. Um agradecimento especial à **Lícia** e à **Flávia**, pela preocupação e grande disponibilidade em ajudar e à minha amiga **Aléscia**, pela constante torcida.

Aos **meus alunos**, participantes da pesquisa. Foi desgastante motivar vocês, porém, foi prazeroso saber que os modifiquei e fui modificada e que juntos, de alguma forma, transformamos a educação de forma eficiente, usando o chão da escola, nossas experiências e inquietações.

Aos **meus outros alunos**, por terem entendido, com respeito e carinho, esse meu momento.

À **Capes**, por viabilizar o projeto através de bolsa.

A todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram com a realização deste projeto.

Obrigada a **todos**!

RESUMO

Reconhecemos o ambiente escolar como um dos responsáveis por desenvolver, nos nossos alunos, habilidades que os tornem capazes de pensar e transmitir posicionamentos críticos e coerentes sobre a própria comunidade, a sociedade e o mundo em que se encontram inseridos. E como estamos cientes do papel que a comunicação exerce para se chegar a esse fim, desejamos que nossos estudantes saibam se expressar com segurança, usando uma linguagem clara, objetiva e adequada à situação na qual realizam o ato linguístico. Assim, irão transmitir credibilidade a seus interlocutores e os fazerem respeitar as opiniões colocadas. Nesse sentido, o início de um trabalho eficiente para o ensino da língua materna deve ser feito através dos diversos gêneros, pois é por meio deles que nos comunicamos. Porém, quando há esse reconhecimento, a ênfase é dada aos gêneros escritos, por isso propomos uma atividade sistemática com os gêneros orais, visto que, mesmo reconhecendo a importância da modalidade escrita, o mundo letrado tem nos mostrado a necessidade de o estudante ampliar seu potencial de comunicação nas esferas sociais, demonstrando um bom desempenho comunicativo nos mais diversos contextos, logo, a escola deve promover, também, a aprendizagem da linguagem oral nas várias situações de uso, especialmente nas mais formais. Desse modo, vemos o seminário como uma importante ponte para esse trabalho, por isso nosso objetivo foi discutir a inserção dos elementos estruturais do gênero discursivo seminário como objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa, em uma turma do 9º ano do ensino fundamental em uma escola da rede estadual do município de Aracaju. Todas as etapas de preparação para se chegar a uma excelente exposição devem ser consideradas, portanto, a construção dessa atividade requer ênfase também na importância da argumentação, visto que a nossa proposta é que os discentes argumentem suas posições sobre temas relevantes na nossa sociedade e saibam ouvir as opiniões alheias. O seminário não pode ser mais exposto de maneira simplificada, apenas com divisão de grupo e de assunto, deve ser realmente um objeto de ensino dentro da sala de aula, por isso propomos, na metodologia, uma sequência didática com o intuito de trabalhar de forma planejada todas as etapas que compõem o gênero estudado. Para alcançar nosso objetivo, buscamos um referencial bibliográfico principalmente nos estudos de: Antunes (2003, 2009), Bakhtin (1997), Blikstein (2016), Dolz e Schneuwly (2011), Ferreira (2010) e Ribeiro (2009). Muito importante também foram as contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1997, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular (2017).

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Gêneros Discursivos Orais. Retórica. Seminário.

ABSTRACT

We recognize the school environment as one of those responsible for developing in our students skills that enable them to think and transmit critical and coherent positions about their own community, society and world. And since we are aware of the role that communication plays in achieving this goal, we want our students to know how to express themselves safely, using clear, objective language appropriate to the situation in which they perform the linguistic act. Thus, they will convey credibility to their interlocutors and make them adhere to their opinions. In this sense, the beginning of concrete work for the teaching of the mother tongue must be done through the different genres, because it is through them that we communicate. However, when there is this recognition, emphasis is placed on written genres, so we propose a systematic activity with oral genres, since, even recognizing the importance of the written modality, the literate world has shown us the need for the student to expand his communication potential in social spheres, demonstrating a good communicative performance in the most diverse contexts, so the school should also promote oral language learning in the various situations of use, especially in the more formal ones. Thus, we see the seminar as an important bridge for this work, so our goal was to discuss the insertion of this discursive genre as an object of teaching, in Portuguese language classes, in a class of 9th grade elementary school in a state school of the city of Aracaju. All stages of preparation to reach an excellent exposition should be considered, therefore, the construction of this activity also requires the importance of the argumentation, since our proposal is that the students should argue their positions on the subject worked and listen to the opinions of others. The seminar can no longer be exposed in a simplified way, only with division of group and subject, it must really be a teaching object within the classroom, so we propose, in the methodology, a didactic sequence with the intention of working in a planned way all the stages that make up the studied genre. In order to reach our objective, we have searched for a bibliographic reference mainly in the studies of: Antunes (2003, 2009), Bakhtin (1997), Blikstein (2016), Dolz and Schneuwly (2011), Ferreira (2010) and Ribeiro (2009). Also important were the contributions of the National Curricular Parameters: Portuguese Language (1997, 1998).

KEY WORDS: Oral discursive genres. Seminar. Argumentation. Rhetoric.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Alunas respondendo ao questionário da 1ª etapa.....	47
Imagem 2 – Palestra sobre os elementos não linguísticos da retórica.....	50
Imagem 3 – Aluna escrevendo o resumo da 3ª etapa.	53
Imagem 4 – Oficina de <i>PowerPoint</i>	56
Imagem 5 – Seminário teste 7ª etapa.....	58
Imagem 6 – Seminário do primeiro grupo.	59
Imagem 7 – A primeira aluna da esquerda foi a que apresentou melhor desenvoltura.	62
Imagem 8 – Seminário do segundo grupo.	63
Imagem 9 – Momento do seminário em que o riso aparece como elemento negativo.....	64
Imagem 10 – Seminário do terceiro grupo.	65
Imagem 11 – Resumo 1.	79
Imagem 12 – Resumo 2.	80
Imagem 13 – Continuação do resumo 2.	81
Imagem 14 – Resumo 3.	82
Imagem 15 – Resumo 4.	83
Imagem 16 – Resumo 5.	84
Imagem 17 – Resumo 6.	85
Imagem 18 – Continuação do resumo 6.	86
Imagem 19 – Resumo 7.	87
Imagem 20 – Resumo 8.	88
Imagem 21 – Resumo 9.	89
Imagem 22 – Resumo 10.	90
Imagem 23 – Termo de confidencialidade.....	91
Imagem 24 – Termo de compromisso para coleta de dados em arquivo.....	92
Imagem 25 – Termo de consentimento.....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo das atividades.....	46
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO	17
3	A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA.....	24
4	A AVALIAÇÃO NO CENTRO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	31
5	O SEMINÁRIO COMO OBJETO DE ENSINO	36
6	METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.....	43
5.1	Quadro resumo das etapas e atividades	45
5.2	Descrição das atividades, reflexões e análises	46
5.2.1	1ª etapa	46
5.2.2	2ª etapa	49
5.2.3	3ª etapa	52
5.2.4	4ª etapa	53
5.2.5	5ª etapa	55
5.2.6	6ª etapa	55
5.2.7	7ª etapa	57
5.2.8	8ª etapa	58
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
	ANEXOS.....	73
	Anexo A – Questionário	73
	Anexo B – Texto O que é feminismo?.....	75
	Anexo C – Letra da música Respeita as mina, de Kell Smith.....	77
	Anexo D – Resumos de textos dos alunos.....	79
	Anexo E – Termos de confidencialidade, de compromisso e de consentimento.....	91

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é a maior expressão da capacidade cognitiva e da natureza social do homem. Não haveria civilização nem viveríamos em sociedades organizadas se não existisse a linguagem. Através dela expressamos nossos pensamentos e interagimos com os demais, bem como influenciemos o ambiente no qual estamos realizando nosso ato linguístico, ou seja, nos constituímos enquanto sujeitos. Nós, profissionais da área da educação, não podemos negligenciar a importância do uso da comunicação como possibilidade de transformar nossos alunos em seres interativos, usuários competentes da palavra dita nas mais diferentes situações.

Para os PCN (1998), é condição de possibilidade de plena participação social o domínio da linguagem como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística. Através da linguagem, os indivíduos buscam conhecimento, expõem opiniões, produzem cultura. Com isso, esse documento nos orienta na reflexão das práticas educativas, pois afirma que deve ser atribuída à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

Ferreira e Vieira (2013) entendem também que o ensino/aprendizagem da língua materna precisa estar ancorado nas práticas sociais. Para as autoras, é a partir das inúmeras situações de comunicação que devemos aprender e ensinar o uso da língua. Não há mais como centrar o estudo do texto somente em aspectos morfofossintáticos, ortográficos; deve-se considerar, principalmente, a linguagem em uso. “A linguagem é uma atividade interativa em que nos constituímos como sujeitos sociais: praticamos ações, assumimos compromissos e, acima de tudo, exercemos nossa cidadania.” (ibidem, 2013, p. 88)

Para que se atenda às variadas necessidades de interação verbal, a diversidade textual é condição em qualquer sociedade. Assim é que os gêneros orais e escritos surgem, modificam-se e desaparecem para adaptarem-se às demandas sociais. Os gêneros são fundamentais para a socialização, pois inserem os indivíduos nas atividades comunicativas.

Preocupados com a concretização desse trabalho pautado nas práticas sociais, no mundo da escola, e cientes de que os gêneros escritos são amplamente contemplados no ambiente escolar, propomos aqui um trabalho com a oralidade, pois entendemos que tão quanto a escrita, o oral deve ser trabalhado de forma intencional e não deve ser relegado a um desprestígio social ou visto apenas como práticas informais de comunicação. As conversas entre alunos e entre alunos e professor grande importância têm no desenvolvimento dos nossos estudantes, assim como os diálogos fora da escola, contudo, aos gêneros orais, não necessariamente utilizados no

dia a dia, precisamos dedicar etapas do trabalho como o planejamento. Deve-se identificar as características desses gêneros, destacar sua importância, refletir sobre as diversas formas de usos da língua e tornar o aluno apto para se adequar às diferentes situações de comunicação.

Ribeiro (2009) nos alerta que dominar apenas o código escrito já não é satisfatório para o mundo letrado. Segundo a autora, a oralidade não é trabalhada como deveria, os professores ainda permanecem com a ideia de que não há a necessidade de planejamento para que se trabalhe o oral, porém, uma importante meta social da escola deve ser o propósito de formar cidadãos críticos que se posicionem frente aos problemas e às diversas situações de uso da língua.

A sala de aula deve, também, ser o lugar de relacionar a língua falada às suas práticas sociais, de questionar o equívoco da valorização da modalidade escrita como superior, bem como a supremacia da norma culta em detrimento das demais variedades. Tudo isso deve ser levado ao ambiente escolar com reflexão, debate e crítica.

Para Marcuschi (2010), não há como definir a oralidade como uma modalidade superior à escrita, nem tampouco entender que a escrita é derivada e a fala primária. Se na língua oral temos aspectos particulares como a prosódia, movimentos do corpo e do rosto, na língua escrita existem o tamanho e tipo de letras, ou seja, são modalidades diferentes de uma língua, igualmente importantes e necessárias para a comunicação.

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais, assim por diante. (MARCUSCHI, 2010, p.17).

Por conta desse quadro, a proposta deste trabalho é tratar de questões relacionadas à língua falada, mostrando a sua importância no nosso cotidiano e na vida profissional. Para tanto, escolhemos trabalhar o gênero discursivo seminário, por entender que, mesmo sendo permeado pela escrita, trata-se de uma instância enunciativa que se manifesta oralmente. Esse gênero expositivo faz parte do cotidiano escolar em muitas atividades, por isso mesmo a nossa escolha, mas não é efetivamente usado como objeto de reflexão. Para que alcance as reais finalidades, deve-se trabalhar o seminário de maneira planejada em todas as suas etapas.

De acordo com Antunes (2003),

Planejar – mais ou menos- e realizar essas formas de atuação verbal requer competências que o professor precisa ajudar os alunos a desenvolver, para que

eles saibam adequar-se às condições de produção e de recepção dos diferentes eventos comunicativos. Tais condições é que nos levam a tomar decisões no decorrer da interação. Nessa perspectiva, saber adequar-se às condições da interação significa ser capaz, por exemplo, de participar cooperativamente, respeitando a vez de falar e de ouvir; de fazer exposições orais sobre temas de interesse do grupo; de argumentar a favor de uma ideia; de dar instruções; de narrar experiências vividas; de descrever com clareza ambientes, pessoas, objetos, fatos; enfim, de ajustar-se à imensa variedade de situações da interação verbal e de saber usar as distintas estratégias argumentativas típicas dos discursos orais. (ANTUNES, 2003, p. 103).

Desejávamos desenvolver um projeto que tivesse a real possibilidade de ser concretizado. Não queríamos teorias utópicas, pois sabemos o quão já se encontra difícil a tarefa de ensinar. Professores sem a devida remuneração, escolas sem estrutura adequada para esse fim, falta de material de apoio, falta de tempo dos profissionais da educação por conta, muitas vezes, da obrigação de se ter uma carga de trabalho exagerada, ou seja, muitos já são os empecilhos encontrados pelos docentes da escola pública, então, pensamos ser mais concreto um gênero que já se encontra no meio escolar, faltando somente as adaptações fundamentais para torná-lo um instrumento de transformação dando voz, atitude, ponderação, persuasão e coragem aos nossos alunos.

Dolz e Schneuwly (2011) nos orientam a seguir uma subdivisão de partes para que o trabalho com a exposição seja organizado. Das sete partes descritas (veremos isso na fundamentação teórica), aqui iremos enfatizar a conclusão, pois esses estudiosos a descrevem como a etapa em que se transmite uma mensagem final, mas que pode também submeter aos ouvintes um problema novo, desencadeado pela exposição, ou, ainda, dar início a um debate etc. Assim, enfocamos também o trabalho com a argumentação que poder ser trazido pelo seminário. Esse gênero permite o desenvolvimento da argumentação, na medida em que o aluno-expositor busca a atenção e a adesão de um auditório. Assim como a oralidade, a argumentação tem, muitas vezes, a sua construção negligenciada nas aulas de Língua Portuguesa, necessitando de uma atenção maior, visto que a todo momento tentamos persuadir ou convencer alguém, negociar e diminuir distâncias.

Diante do exposto, ao longo deste trabalho objetivamos discutir a inserção dos elementos estruturais do gênero discursivo seminário como objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa. Pretendemos também desenvolver, nos nossos alunos, a capacidade de um olhar crítico e coerente para as questões referentes à comunidade escolar e à sociedade; favorecer o desenvolvimento da persuasão, enfatizando aspectos linguísticos e não linguísticos; colaborar para a organização de apresentações orais claras, bem articuladas, concisas e atraentes e realizar uma sequência didática prática e viável, que sirva de instrumento para dinamizar as

aulas dos professores de Língua Portuguesa, mas também que sirva de suporte para outros professores, pois o seminário é uma atividade utilizada pela maioria dos docentes das diversas áreas.

Partindo desses pressupostos, a base de aprofundamento de nossa pesquisa procedeu a partir de estudos de teóricos, a exemplo das pesquisas de autores como Antunes (2003, 2009), Bakhtin (1997), Dolz e Schneuwly (2011), Ferreira (2010), Ribeiro (2009), entre outros. Também serviram de base os Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1997, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2017).

Na primeira parte do presente trabalho, encontra-se a fundamentação teórica, trazendo, no primeiro capítulo, estudos sobre gêneros discursivos, visto que o educador amplia a sua prática pedagógica quando seleciona e oferece aos alunos uma diversidade de gêneros com temáticas expressivas para a realidade que os cerca. Os estudantes devem ser preparados para agirem efetivamente na sociedade em que vivem, por isso é de suma importância, nas aulas de Língua Portuguesa e por meio de gêneros discursivos, ensinar o aluno a refletir criticamente sobre o que lê e escreve.

No segundo capítulo, enfatizamos a importância da retórica e argumentação, pois a escola tem grande importância no processo de aprendizagem das técnicas argumentativas e no desenvolvimento da organização retórica. Faz-se também primordial desenvolver, nos estudantes, capacidades para defender pontos de vista, tomar posições, ponderar o questionamento do outro, ou seja, construir sua identidade através de técnicas argumentativas.

De acordo com Mariano (2012),

A argumentação na linguagem está relacionada às situações de conflito, de controvérsia, de diferentes pontos de vista, valores, crenças, ideologias. Caracteriza-se pela busca do enunciador de modificar o enunciatário, de fazê-lo aderir à sua tese ou ao seu modo de ver o mundo. Como sempre agimos sobre o outro no uso concreto da linguagem, já que esta é, naturalmente, argumentativa. (MARIANO, 2012, p. 105).

Em seguida, no terceiro capítulo, destacamos uma outra questão também importante que permeia o processo de ensino e aprendizagem: a forma como os alunos são avaliados na escola. E essa questão tem uma relação direta com o gênero seminário, visto que este geralmente é tomado “apenas” como instrumento de avaliação. Os docentes, muitas vezes, esquecem que a avaliação deve ser central na aprendizagem e não externa a ela. Devemos avaliar porque queremos refletir sobre uma dada realidade que deverá ser julgada e, quando necessário,

modificada. Devemos repensar a prática de avaliarmos os seminários de nossos alunos sem darmos as orientações que envolvem todas as etapas para se chegar a uma boa apresentação.

Por último, no quarto capítulo, discutimos que o trabalho com o gênero seminário, quando bem planejado, irá socializar conhecimentos e experiências de forma atrativa, pois dinamiza a exposição da aula, quebrando a tradição da exposição de assuntos ser somente tarefa do docente. Outro aspecto essencial, nessa prática educativa, é a real adequação da língua à situação. Os alunos aqui visualizarão uma atividade que requer o uso mais formal da língua e assim saberão como é importante dominar, também, essa modalidade. Não menos importante também são os aspectos relacionados à entonação, postura, vestimentas e gestos. Todos esses elementos dão credibilidade a quem expõe o conteúdo. Caso o seminário não tome o lugar de um objeto de ensino, nada disso será trabalhado e os alunos continuarão apenas com as partes de divisão dos assuntos e com apresentações superficiais que não trazem o conhecimento proposto pelo gênero.

Essas foram as diretrizes em que nos baseamos para compor a pesquisa e a proposta pedagógica. Em seguida, descrevemos, nos processos metodológicos, uma sequência didática como prática para se trabalhar o gênero seminário na sala de aula. No terceiro momento, analisamos alguns seminários produzidos pelos alunos a fim de que fique clara a execução do projeto e também para verificar se os alunos que tiveram acesso a essa metodologia compreenderam exatamente todas as suas etapas

Nesse sentido, os estudantes do 9º ano de uma Escola Estadual, localizada no município de Aracaju/SE, na qual realizamos o projeto, nas aulas de Redação e de Português, participaram de oficinas de planejamento do gênero seminário. Essas discussões buscaram enfatizar a importância de se trabalhar com esse gênero oral, trazendo-o como uma prática de disseminação de conhecimento. Encontrar uma forma eficiente de interação entre os sujeitos na comunicação diária é papel de todo professor colaborador e consciente da sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

2 GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

O ensino da Língua Portuguesa no ambiente escolar continua sendo alvo de vários debates, visto que contemplar a aprendizagem além da gramática normativa é, ainda hoje, um desafio para os professores de português. Ampliar o ensino para a prática discursiva é ajudar a desenvolver, nos nossos estudantes, a capacidade de refletir criticamente sobre o que leem e escrevem e tal propósito é um dos mais importantes objetivos da educação. Alcançar essa finalidade por meio da compreensão e da produção de gêneros orais e escritos também se faz um desafio.

Para Irandé Antunes (2009), o ensino da língua materna não deve ficar restrito a aulas de gramática, precisa-se pensar em uma maneira de ensiná-la como um processo dialógico e social. A autora enfatiza ainda que tais objetivos só serão alcançados se modificarmos nossa maneira de pensar e refletir sobre a língua e analisarmos o que realmente é ensinar e aprender.

Saber falar e escutar em contextos formais, estar inserido no mundo da comunicação escrita e da comunicação virtual, saber apreciar os valores literários e todas as expressões da cultura, ter consciência das imensas possibilidades de criação e de participação social promovidas pelo uso da linguagem constituem o amplo espectro do que poderiam ser os objetivos do ensino da língua. (ANTUNES, 2009, p. 40).

Por entender a língua como instrumento de participação social, os PCN (1997) dão ênfase à importância dos gêneros discursivos como caminhos para a transformação dos alunos em cidadãos participativos e modificadores da realidade em que vivem, portanto, nosso trabalho deve ter como finalidade o uso da linguagem, em qualquer forma de realização e em sua utilização real. Amparado nos estudos bakhtinianos, esse documento afirma que a produção de discursos somente acontece na interação.

Enfatizando também a importância do estudo dos gêneros, Charles Bazerman (2011), nas suas reflexões sobre o assunto, afirma que a organização das práticas sociais se dá através dos gêneros, por isso, segundo o autor, devemos priorizar, na análise desses, o enfoque social. Esse estudioso nos traz uma noção de gêneros ampla e enriquecedora.

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividade socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos

processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2011, p. 32).

Nesse sentido, o início de um trabalho eficiente para o ensino da língua materna deve ser feito através dos diversos gêneros, pois é por meio deles que nos comunicamos. Não há como trabalhar a linguagem sem os gêneros, porém, infelizmente, muitas escolas ainda fazem um trabalho sem a devida exploração da relação desses com o cotidiano do aluno.

Com relação às pesquisas sobre esse assunto, muitos autores usam as expressões gêneros textuais e gêneros discursivos como sinônimas, outros as usam de forma antagônica ou complementar. No nosso trabalho, escolhemos, conscientemente, gêneros do discurso, pois entendemos ser essencial desenvolver a competência discursiva dos nossos alunos. Queremos que eles estejam cientes de que a intenção ao se produzir um texto e o conhecimento sobre o interlocutor são essenciais para se atingir o objetivo da comunicação.

Para Rojo (2005), as duas vertentes são provenientes de diferentes releituras do Círculo de Bakhtin. Para diferenciá-las metodologicamente, a autora afirma que a teoria dos gêneros de textos frisa a descrição da materialidade textual e a teoria dos gêneros do discurso leva em consideração o estudo do momento em que os enunciados são produzidos.

Os estudos acerca dos gêneros iniciaram-se com Platão, mas foi com Aristóteles que surgiu uma teoria mais sistematizada sobre esse assunto e sobre a natureza do discurso, na medida em que este segundo filósofo desenvolveu amplamente a ideia das estratégias e as estruturas dos gêneros.

Mesmo a ideia de gênero tendo se constituído no campo da Poética e da Retórica, tal como foram formuladas por Aristóteles, foi na literatura que o rigor da classificação se consagrou. A teoria dos gêneros se tornou a base dos estudos literários desenvolvidos no interior da cultura letrada.

Porém, somente a partir das pesquisas de Mikhail Bakhtin se tornou possível mudar a rota de tais estudos. Segundo Machado (2010), nessas leituras, não foi considerada a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo. Foi na prosa que Bakhtin situou o universo das interações dialógicas que é constituído por diferentes realizações discursivas, aqui ele incluiu o grande objeto de sua paixão crítica: o romance. A escolha do romance se deu porque foi nele que Bakhtin encontrou práticas de interação que podiam servir de base para suas reflexões sobre o dialogismo na linguagem de um modo mais amplo.

Bakhtin enfatiza que a atualização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, e esses enunciados emanam dos integrantes duma ou doutra esfera

da atividade humana. Esse estudioso define como gênero discursivo os enunciados, relativamente estáveis, elaborados em cada esfera de utilização da língua. Ele elabora uma classificação para os gêneros do discurso, dividindo-os em dois grupos:

Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros dos discursos e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. (BAKHTIN, 1997, p. 3).

Apesar do encaminhamento das discussões acerca dos gêneros discursivos de Bakhtin não focar a área de ensino e aprendizagem de línguas, foi com ele que veio à luz a necessidade de se considerar a mobilização discursiva no processo geral da enunciação. Assim, a importância de considerar o contexto comunicativo para a assimilação do repertório de uma determinada mensagem é enfatizada.

Machado (2010) afirma que adquirimos uma maior liberdade de uso dos gêneros quando temos um melhor conhecimento das formas discursivas. Observa-se “que a própria ‘entoação expressiva’ é uma articulação específica do enunciado e não pode ser cogitada fora dela” (ibidem, p. 158). Deste modo, o gênero discursivo toma para si o caráter de uma forma enunciativa que depende mais da situação de enunciação do que da própria palavra.

A influência dos estudos de Bakhtin tem nos levado a considerar que os textos dos nossos alunos, assim como a nossa fala em aula, não acabam na sala, mas, assim como são o produto de inúmeras interações dialógicas anteriores, servirão para diálogos posteriores, que produzirão outros textos. Essas produções direcionam-se a alguém, real ou imaginário, e esse fato deve ser levado em conta pelo professor e pelos próprios estudantes. É nesse trabalho com os gêneros que damos voz a nós e aos outros, e assim, entra a interação verbal no contexto escolar e os nossos estudantes entendem o sentido real de porquê escrever, pois terão para quem direcionar o seu texto. Nesse sentido, é que reafirmamos o papel da escola no processo de inserção do sujeito no contexto social e cultural.

Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar a fala às formas do gênero e a ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas

primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 1997, p. 11).

Corroborando com a linha teórica de Bakhtin, Maingueneau (2004) afirma que todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso. Então, rótulos como “epopeia”, “vaudeville”, “editorial”, “talk show” etc. designam o que habitualmente entendemos por gênero do discurso. Para Maingueneau (ibid), as tipologias dos gêneros de discurso se contrapõem, desse modo, às tipologias comunicacionais, por seu caráter historicamente variável. Uma sociedade pode ser caracterizada pelos gêneros de discurso que se originam nela e que também a tornam possível.

Furlanetto (2005) explica que para Maingueneau a competência discursiva inclui sabermos utilizar os diversos gêneros nos vários contextos sociais, entretanto, sabe-se também que não podemos ter o domínio de todos eles, pois muitos exigem formação profissional específica. Em uma sociedade, os indivíduos podem ser autores de textos de diversos gêneros, principalmente daqueles que circulam no cotidiano. “Ignorar como são produzidos certos gêneros pode, social e politicamente, ser motivo de marginalização e de exclusão” (ibidem, p. 266).

De acordo com Rojo (2005), adotar a perspectiva dos gêneros do discurso é partir do ato da enunciação, da interação com o interlocutor e das escolhas de temas discursivos para se chegar às marcas linguísticas. Essa prática nos afasta de uma análise exaustiva de textos tanto em sua forma de composição como em suas propriedades e nos leva a “uma descrição do texto/enunciado pertencente ao gênero ligada sobretudo às maneiras (inclusive linguísticas) de configurar a significação” (ibidem, p. 199).

Com isso, entendemos que os gêneros do discurso são práticas vinculadas à vida social e por isso surgem em função de necessidades interacionais. Ao desenvolver nos alunos a capacidade discursiva, estamos preparando-os para o uso dessa capacidade nas mais inusitadas situações de comunicação.

Então, planejar o estudo da língua materna dessa maneira é dar sentido ao aprendizado do aluno. Este usa ou usará várias espécies de gêneros como bilhete, manuais de instrução, receitas culinárias e médicas, seminários, debate, *e-mail*, mensagem de *whatsapp*, entre outros,

em sua vida social. Inúmeros são os gêneros e todos eles surgiram em um determinado contexto social e histórico.

Para Lopes-Rossi (2012), temos como exemplos de gêneros discursivos orais uma conversa, uma apresentação oral de um trabalho. Carta, requerimento, procuração, notícia, cheque, são exemplos de gêneros escritos.

Retomando Lopes Rossi (2006), para conhecermos um gênero discursivo devemos explorar, inicialmente, os aspectos que o constituem como uma forma de ação social, em seguida, os aspectos materializados devem ser explorados.

Finalmente, para a percepção mais acurada da inserção do gênero discursivo nas práticas sociais, devem ser consideradas suas condições de produção e de circulação. A associação da função do gênero a um contexto enunciativo pode se dar, de modo geral, com perguntas como: Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo? Onde? Quando? Com base em que informações? Como o redator obtém as informações? Quem lê esse gênero? Por que o faz (com que objetivos o lê)? Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influência pode sofrer devido a essa leitura? A resposta a essas perguntas pode ser obtida por meio de pesquisas a textos que comentam ou analisam esse gênero discursivo e por meio de entrevistas com pessoas que conhecem bem o gênero. (LOPES-ROSSI, 2006, p. 4).

O ambiente escolar ainda está longe de enfocar devidamente o trabalho com os gêneros do discurso, existe um abismo entre a teoria e a prática no que se refere a essas questões, visto que o aluno, muitas vezes, não é orientado em relação ao porquê escrever ou falar e para quem. Quando há um reconhecimento desse trabalho, a ênfase é dada aos escritos e esquece-se da infinidade de gêneros orais que fazem parte da realidade do aluno e que precisam ser trabalhados para que o estudante amplie seu potencial de comunicação nas esferas sociais. Muitos professores só utilizam as modalidades orais como ponto de partida para se chegar à escrita, pois aprenderam que não é preciso refletir sobre o uso da oralidade e muito menos se dedicar a um trabalho organizado a esse respeito.

Ramos (2002) nos faz refletir sobre o trabalho educacional quando nos possibilita ampliar o significado de produção de textos. Para ela, o normal ao se falar nessa prática é pensar logo em redações. Devemos repensar, visto que os alunos produzem vários textos e a redação é apenas um dentre eles. A autora assume a noção de texto como espaço de interlocução, ou seja, considera, na produção, o processo que tem como resultado tanto textos falados quanto textos escritos. Então, inclui nesse rol as redações escolares, bilhetes, anotações em diário, e também as conversas do aluno com colegas, pais, professores, etc.

Os PCN enfatizam a importância que a oralidade deve passar a ter nos eixos de ensino da Língua Portuguesa, compartilhando a mesma importância da leitura, da produção de textos e da análise linguística. Esse documento orienta que a escola propicie aos estudantes práticas que desenvolvam a modalidade oral de forma estrutural e em diversas situações de uso.

Não basta deixar que as crianças falem; apenas o falar cotidiano e a exposição ao falar alheio não garantem a aprendizagem necessária. É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de Língua Portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento. A linguagem tem um importante papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas do conhecimento, mas o contrário também vale: as atividades relacionadas às diferentes áreas são, por sua vez, fundamentais para a realização de aprendizagens de natureza linguística. (BRASIL, 1997, p. 34).

Essa importância dada à oralidade justifica-se, uma vez que os alunos serão avaliados no seu desempenho como falante, tendo que responder às exigências das situações de seus atos linguísticos. O mercado de trabalho está cada vez mais exigente e requer pessoas que se expressem oralmente com naturalidade e firmeza. Os estudantes precisam de preparação em vários setores para que se tornem cidadãos participativos, modificadores da realidade que os cerca. Devem conhecer seus direitos e deveres, devem saber ouvir opiniões como também saber expor suas ideias, por isso faz-se necessário um trabalho organizado com os gêneros orais.

Segundo os PCN (1997), a oralidade começou a ser trabalhada, no espaço escolar, equivocadamente, visto que a prática levava o docente a fazer correções da fala “errada” de nossos alunos. Trabalhar o “certo” e o “errado” no ensino da língua só reforça a ideia do preconceito linguístico e menospreza os diversos falares existentes na nossa cultura. A escola deve se preocupar em ensinar ao aluno como utilizar a linguagem nas várias situações comunicativas do seu cotidiano. O estudante deve aprender também a língua formal e deve dominá-la, porque precisará usá-la em algum momento como: em entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades etc. Ao eleger a língua oral como conteúdo escolar, deve-se elaborar o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e de reflexão sobre a língua.

É nos PCN (1997) que encontramos ser tarefa da escola também assumir a responsabilidade de fazer desse ambiente um lugar de respeito para com a voz do outro. Precisamos de cidadãos que saibam ouvir e falar e essa orientação cabe à escola, porque o estudante deve ser levado a refletir e a conviver com diferentes opiniões. Os gêneros orais, além

de possibilitarem a construção de posicionamentos firmes e coerentes, também possibilitam, quando corretamente trabalhados, a convivência harmoniosa com o diferente.

Por isso, ainda de acordo com os PCN (1997), para que possamos nos expressar oralmente, precisamos ter confiança em nós mesmos, então, nosso estudante deve estar em um ambiente em que possa ser ouvido e em que aprenda a respeitar a voz alheia. Respeitar a língua do nosso aluno não é não ensinar-lhe outras variedades, pois eles enfrentarão outras situações comunicativas e precisarão adequar a fala a esses contextos. “É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente.” (ibidem, 1997, p. 38).

Diante desse cenário, a escola de hoje precisa ampliar o seu trabalho com os diferentes gêneros, uma vez que, o aluno precisa entender que cada discurso cumpre uma finalidade comunicativa específica. O ensino da língua não pode ser resumido à exposição de conteúdo, deve-se pensar em um ensino voltado à realidade, por isso, a importância do que, por que e para quem escrever ou falar. Assim, entra também a importância do trabalho intencional e sistemático com os gêneros orais. Devemos repensar o valor da oralidade tanto nos usos diários como nos contextos formais de uso da língua.

Assim, ao longo do ensino fundamental, o aprendiz poderia fazer novas descobertas a respeito desse objeto que manipula constantemente e utilizá-lo em contextos que não lhe são ainda familiares. Para fazê-lo, numa perspectiva didática de um procedimento sistemático de intervenções ao longo do ensino fundamental, é necessário definir claramente as características do oral a ser ensinado. É somente com essa condição que se pode promovê-lo de simples objeto de aprendizagem ao estatuto de objeto de ensino reconhecido pela instituição escolar, como o são a produção escrita, a gramática ou a literatura. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, p.126).

Dessa forma, os professores precisam planejar as atividades considerando os gêneros escritos e orais como merecedores de igual atenção, pois os alunos precisarão de habilidades que envolvam essas duas modalidades nas práticas sociais da vida cotidiana.

3 A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA

É inerente ao ser humano a necessidade de se fazer entender. A comunicação envolve troca de informações e utiliza sistemas simbólicos como suporte para este fim. Nos comunicamos para sermos ouvidos, entendidos, como também para exercermos influências no ambiente em que realizamos nossos atos linguísticos. Quando realizados num contexto social e cultural adequado, esses atos adquirem importância e são, portanto, capazes de modificar opiniões. É primordial o falante saber quem é seu ouvinte, o conteúdo que lhe é atribuído falar, quando e onde reproduzir a sua fala bem como a variedade linguística que deve ser usada. Esse norte facilitará a comunicação entre os interlocutores.

O saber falar e escrever bem está cada dia mais presente no cotidiano das pessoas, principalmente entre os profissionais das diversas áreas. É essencial saber se expressar com clareza e segurança porque transmitimos credibilidade a nossos interlocutores e assim eles nos ouvem com atenção e muitas vezes aderem às nossas opiniões ou pelo menos, modificam as suas. Diante disso, cabe à escola a preocupação em desenvolver habilidades que contribuam para que os alunos pensem e transmitam posicionamentos críticos e coerentes. A argumentação deve ser trabalhada como recurso didático para esse fim. A sala de aula deve ser um espaço propício à argumentação como atividade social e discursiva.

Liberali *et al.*, (2016) corroboram com a importância da argumentação, pois destacam que, quando esse recurso é sabiamente utilizado, os participantes são compreendidos, modificam suas ideias e propõem novas. Com isso, estão ampliando também as possibilidades de expansão colaborativa e a produção de conhecimento pelos envolvidos.

Para esses autores, com relação à prática argumentativa, a tradição escolar precisa rever o trabalho com o discurso argumentativo. Deve ser evidente a importância dessa abordagem para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos, desse modo, que os discursos argumentativos estruturados, intrínsecos à língua e marcados pelas vozes de outrem, circulam em diferentes contextos e se movimentam. O movimento desses discursos é o mais importante no ato de argumentar, pois a partir do momento que um indivíduo lança a sua voz, ele pode gerar conflitos que impulsionam reflexão e incentivam que outros também lancem suas vozes, causando o mesmo efeito. Cada uma dessas vozes cria novas possibilidades para quem as ouve, mostrando sua incompletude e continuidade, e criando possíveis atividades revolucionárias que afastam a escola do papel transmissivo. (LIBERALI, *et al.*, 2016, p. 31).

Eles ainda enfatizam que, ao argumentar, os participantes lançam mão das várias possibilidades de debater sobre um determinado tema. Os envolvidos também engajam-se na busca por posicionamentos, evidências, explicações, exemplificações. É dessa maneira que contribuem com o grupo para a produção de diferentes modos de ver, analisar, avaliar. Tudo isso trará respostas novas, uma nova visão de mundo, pois cada pessoa estará procurando formas para “sustentar, refutar, correlacionar, exemplificar, explicar, expandir, contrapor, sugerir, combinar, distinguir, ampliar, justapor, compor, criar novos significados compartilhados no grupo”. (Ibidem, 2016, p. 70).

Ribeiro (2009) destaca também a importância da argumentação no processo de ensino e aprendizagem, dando ênfase aos gêneros orais argumentativos. De acordo com essa autora, não há como acreditar que desenvolvemos o poder de argumentação somente com a maturação cognitiva, por isso ela atribui a esse recurso um papel importante na construção dos discursos e na atividade comunicativa em si, assim, pensa como urgente a inserção dos gêneros orais argumentativos na prática de sala de aula, já que devemos objetivar mudanças significativas na capacidade argumentativa dos alunos.

Embora saibamos das capacidades linguístico-cognitivas das crianças para argumentarem, manifestadas principalmente em situações espontâneas do convívio familiar, é necessário ampliar essas capacidades, de modo a favorecer o conhecimento e a apropriação de outras formas de argumentação mais elaboradas, legitimadas pela sociedade. Aqui vale uma redundância proposital enfatizando que o papel fundamental da escola é ensinar sistematicamente os usos que fazemos da língua em sociedade. (RIBEIRO, 2009, p. 20).

Essa autora propõe pensar a argumentação levando em conta o contexto, englobando a posição social do falante, os objetivos a que se quer chegar e a intenção que se tem com o ouvinte. Para ela, à luz da abordagem sociodiscursiva, a argumentação pode ser pensada como uma atividade interacional que supõe um movimento discursivo de enunciação e troca de opiniões. A escola precisa ensinar a argumentar em situações formais e destaca-se, nesse processo, a intervenção do professor como fundamental para o processo de ensino e aprendizagem.

Não podemos negar a evolução da escola no que diz respeito às novas concepções de ensino/aprendizagem, principalmente, com as contribuições das abordagens construtivistas e do sociointeracionismo, mas ela ainda se limita à transmissão de conhecimentos, às competências disciplinares, geralmente desvinculadas das práticas sociais. Atualmente, tem se discutido bastante sobre a importância da cidadania, da formação ética dos indivíduos e do pensamento crítico e, nesse sentido, o trabalho com argumentação seria um

grande aliado, mas o que podemos perceber é que esta parceria necessária ainda não se concretizou, em sua plenitude. (RIBEIRO, 2009, p. 57).

De acordo com Bernard Meyer (2008), objetivando-se convencer o outro, fazê-lo mudar de opinião ou, pelo menos, tentar, verificamos os problemas enfrentados pela avaliação desse tipo de trabalho no meio escolar ou universitário. Não há um receptor real a quem o aluno deva se dirigir. Os professores são os avaliadores e os estudantes não objetivam mudar a opinião dos docentes, querem é mostrar aptidões de raciocínio. Para esse autor, conhecer o público ao qual nos dirigimos é essencial nesse tipo de atividade, então, seria interessante imaginar situações escritas ou orais em que se tenha a quem convencer.

Um profissional, por melhor que seja na sua área, pode não ter o reconhecimento devido caso não saiba que a exposição da palavra deve envolver argumentos coerentes, convincentes e uma boa dicção. Desta forma, todos os profissionais, indistintamente, como também todos os estudantes, devem estar aptos para argumentar e fazer apresentação em público com naturalidade e prazer. A ansiedade e o nervosismo devem ser trabalhados desde o ensino fundamental para que nossos jovens cresçam pessoal e profissionalmente. A persuasão é ferramenta decisiva em várias situações, por isso devemos aprender a desenvolvê-la. Estudar a retórica se faz essencial por ser um estudo de todos os processos pelos quais as pessoas influenciam umas às outras por meio de símbolos verbais, não verbais, visuais e sonoros.

Ferreira (2010) ainda esclarece que somos “seres retóricos”. A palavra usada revela nossas impressões sobre o mundo, nossas crenças e intenções. É através da palavra que influenciamos os outros e estabelecemos acordos que nos fazem viver de maneira organizada em sociedade. Levar o outro a aceitar a nossa opinião requer muito esforço porque exige muita reflexão prévia e competente articulação discursiva.

Ainda segundo o autor (2010, p. 13), “agimos retoricamente quando nos valem do discurso para descrever, explicar e justificar nossa opinião com o propósito de levar o outro a aceitar nossos argumentos.” No papel de oradores, somos nós quem influenciamos e, para isso, buscamos ajustar a nossa fala ao interesse de quem nos ouve. Sendo auditório, analisamos o discurso alheio para sabermos se concordamos ou não com a visão que nos foi apresentada.

Bazerman (2015) destaca que o código para a retórica é um recurso utilizado em situações concretas, por isso ela se diferencia de outras disciplinas da linguagem. Para ele, já que baseia-se nos objetivos de cada usuário, levando em consideração o contexto e as potencialidades da situação, a retórica é estratégica e situacional.

Assim, ele define a retórica:

A retórica é a arte prática reflexiva do enunciado estratégico em contexto do ponto de vista dos participantes, tanto falantes quanto ouvintes, escritores e leitores. Isto é, a retórica ajuda-nos a pensar em maneiras como poderíamos usar mais eficazmente palavras para alcançar nossos fins no intercâmbio social e nos ajuda a pensar no que os outros, mediante suas palavras, tentam fazer conosco. (BAZERMAN, 2015, p. 21).

Campbell, Huxman e Burkholder (2015) enfatizam que, na sua maioria, os exemplos de retórica não são discursos enfáticos e espontâneos. São mensagens pensadas cuidadosamente. Destacam também que os símbolos que formam essas mensagens podem ser de vários tipos: linguagem escrita e falada; comportamentos não verbais; artes visuais; imagens visuais; filmes ou programas de televisão, ou seja, qualquer forma de símbolo. O propósito de tais mensagens é influenciar um grupo particular de pessoas, tentando modificar de alguma maneira seu modo de refletir ou seu comportamento.

Nos seus estudos, esses autores nos dizem que fragmentos de registros históricos parecem indicar que a retórica começou a ser estudada e ensinada no início do século V a.C. por sofistas ou sábios, em cidades-estado na Grécia, ao redor do Mediterrâneo. Nessas cidades-estado, os cidadãos encontravam-se para decidir as leis, fazer petições e se defendiam contra acusações de delito. Logo, homens como Górgias, Protágoras, Isócrates e outros começaram a ensinar indivíduos do sexo masculino a apresentar suas convicções de forma mais eficiente e a escrever a respeito de como alguns discursos eram mais persuasivos e alguns oradores mais encantadores do que outro.

Segundo esses autores, o mais antigo e importante tratado da arte retórica é o *Rhetoric* (Retórica), escrito por Aristóteles, no século IV a.C. em Atenas. A palavra grega para retórica vem de *rhêtorikê*, em que “*ikê*” significa “arte ou habilidade de” e “*rhêtór*” um orador político/público experiente. Esse estudo tinha como objetivo a influência social ou persuasão.

De acordo com Ferreira (2010), temos na retórica a presença de um orador, um auditório e um discurso. O orador é simbolizado pelo *ethos*, palavra que significa costume, caráter. Aristóteles, segundo Ferreira, afirma que o orador tem credibilidade assentada no seu caráter, na sua virtude, na sua honra, na confiança que é outorgada a ele. O auditório é representado pelo *pathos* e para obter a sua atenção é necessário que o orador consiga comovê-lo, convencê-lo. O *logos* representa o discurso e este pode revestir-se de diversas tipologias, numa dependência direta da questão subjacente ou expressamente colocada.

Amossy (2013) nos esclarece a ideia de que é preciso ter em mente que o *logos* não precisa de uma situação de comunicação concreta para convencer, pois ele convence por si só, enquanto o *ethos* e os *pathos* ligam-se às situações e aos indivíduos presentes no contexto.

Para Campbell, Huxman e Burkholder (2015), uma das características fundamentais da retórica é ser pública, porque é dirigida aos outros. Ela é desenvolvida por meio de pensamentos completos, já que tudo que expressamos aos outros queremos que seja compreendido, por isso ela é proposicional. Ela também é proposital (intencional), já que é focada em atingir uma finalidade específica. Assim, não existem regras que podem ser aplicadas em todos os casos, por isso, para se tornar um orador eficaz, capaz de passar a comunicação que objetivou, precisamos de habilidades que nos ajudem a encontrar as palavras certas para o contexto em questão. Todo discurso pode ser considerado um ato retórico, pois procuramos a adesão do outro às nossas ideias e uma eficaz argumentação consegue aumentar a intensidade de adesão, desencadeando nos ouvintes uma ação positiva. Para que haja predomínio do *pathos*, o auditório deve ser o foco central, por isso a expressividade retórica sempre objetiva o auditório.

Para melhorar o ato retórico, é bom sentir-se confortável com o assunto, então, falar de assuntos sobre os quais se tem conhecimento e entusiasmo irá diminuir a distância inicial entre falante e ouvinte (s). Levantar informações sobre o público também é essencial para criar uma apresentação mais interessante. Memorizar todo o conteúdo que será explanado não é bom, o ideal é usar pequenas notas em papel, assim, o discurso será conduzido de forma coerente. Além disso, acreditar que o que se tem a dizer é interessante é um ótimo início de como iniciar a apresentação.

Para Ferreira (2010), o orador que é conhecedor do contexto retórico, que analisa o auditório e centra seus argumentos num plano verossímil já parte de bases muito persuasivas. Para conseguir seu intento, é fundamental conhecer bem o assunto, dispor adequadamente as partes do texto e o sustentar sobre os quatro grandes pilares retóricos que correspondem às etapas de organização do discurso: *inventio* (invenção), *dispositio* (disposição), *elocutio* (elocução) e *actio* (ação). Etapas essas que ocorrem concomitantemente, mas que são definidas separadamente para fins didáticos.

A *inventio*, na retórica, refere-se ao momento de busca das provas que sustentarão o discurso. Aqui, o orador demonstra conhecer bem o assunto e, assim, consegue reunir todos os argumentos plausíveis para a interpretação do discurso. Usa-se esse momento para, através do assunto, encurtar a distância entre orador e público.

A *dispositio* configura-se na etapa em que são organizados e distribuídos os argumentos de maneira racional e plausível no texto para que esse tenha uma coerência textual. Se na *inventio* o orador junta as provas, na *dispositio* coloca-as no texto em ordem lógica ou psicológica de modo que constituam uma unidade que atinja o objetivo de persuadir.

A *elocutio* atua sobre o material da *dispositio*. Constitui-se na construção linguística que manifesta as virtudes e defeitos da energia retórica de construção textual. É mais do que uma questão estilística, pois envolve o tratamento da língua em sentido amplo, abrange o plano da expressão e a relação forma e conteúdo: a correção, a vivacidade, o bom uso das figuras com valor de argumento.

Para o autor, a criação da estrutura do conjunto referencial é o começo da *inventio*, a construção da macroestrutura textual é feita pela *dispositio* e a *elocutio* culmina o processo ao revelar a superfície textual que, como significado global do ato retórico, chega ao auditório.

A *actio* é a emissão, perante o auditório, do texto construído pela atividade das três operações anteriores constituintes do discurso (*inventio*, *dispositio*, *elocutio*). Tem como finalidade a captação da atenção do auditório e a persuasão, por isso trabalha com os componentes emotivos da emissão da palavra: a gestualidade (*kinésia*) e a interação com o espaço (*proxêmica*). Orador e auditório ficam plenamente envolvidos no processo de transmissão e recepção do discurso num contexto enunciativo-pragmático-interacional.

Mesmo sabendo que a argumentação é uma prática cotidiana e que esse recurso está presente, direta ou indiretamente, em qualquer produção discursiva, a educação brasileira deve iniciar estudos sistemáticos sobre a construção discursiva da argumentação enquanto recurso didático já no ensino fundamental. Devem ser constantes, no ambiente escolar, práticas organizadas de exposição de poesias, de trabalhos bem apresentados, enfatizando, no entanto, o objeto real da retórica, que é a persuasão, a fim de que não se caia na redução de tomá-la apenas como um falar bonito e vazio. Buscando estimular e valorizar essas iniciativas, mostramos aos nossos estudantes a importância de falar e de se posicionar na medida em que é pelo meio da linguagem que podemos mostrar nossa opinião, persuadir e modificar o mundo, para que eles entendam o valor que é dado àqueles que argumentam coerentemente, falam bem e se apresentam em público com naturalidade.

De acordo com Câmara (1986), para tornar a nossa linguagem oral mais eficaz, devemos usar recursos, ausentes na escrita, que são característicos da oralidade. Cuidar do tom de voz, dos gestos, entre outros traços da língua oral, facilita a transmissão da mensagem. Para esse autor, a fala abrange a comunicação linguística em toda a sua totalidade, por isso, para compreendermos a natureza da linguagem humana, deve-se analisar, em princípio, a linguagem oral.

Os PCN (1998) enfatizam a importância de tornar o ambiente escolar propício para desenvolver e estimular nos alunos a capacidade de ouvir o outro como forma de respeito. Reconhecem a mediação do professor como essencial nas situações de ensino da língua, pois

cabe ao docente mostrar ao aluno a importância, no processo de interlocução, da consideração real que a palavra do outro assume, concorde-se com ela ou não.

A escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecido como legítimo, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro. Trata-se de instaurar um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; um espaço em que o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de reinterpretação do real que apresenta; um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos. (BRASIL, 1998, p.48).

Deste modo, vemos o espaço escolar como essencial no processo de aprendizagem das técnicas argumentativas e no desenvolvimento da organização retórica e esse trabalho deve ser entendido como parte de um processo em que o objetivo deva ser transformar o alunado em cidadãos conscientes e realizadores, indivíduos com opiniões coerentes e críticas sobre a sua comunidade, a sociedade em que estão inseridos e o mundo.

Para Blinkstein (2016), o medo de falar em público se deve ao fato de que esse ato é muito diferente da comunicação coloquial. Esta é descontraída, pois flui espontaneamente no nosso cotidiano e podemos assumir o papel de falantes ou ouvintes em um só contexto. Em contrapartida, no ato de falar em público mudam todas as condições. Estamos sendo, através da observação, avaliados e julgados pelo público o qual objetivamos agradar.

Retomando Ferreira (2010), é importante, para que se alcance a persuasão, conhecer bem o auditório. O orador deve estar preparado para ouvir todas as críticas dirigidas a ele. Deve-se pensar que os interlocutores são capazes de analisar a força e a vulnerabilidade dos argumentos.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento da argumentação será uma das nossas preocupações em uma proposta de ensino do gênero seminário que, embora não se classifique tradicionalmente como gênero argumentativo, pode permitir ao aluno conhecer, discutir e formar opiniões sobre diversos assuntos.

Assim, vemos o gênero discursivo seminário como uma importante ponte para esse trabalho, já que é indispensável para essa atividade o desenvolvimento de uma retórica eficaz e condizente com o ambiente. Trabalhar em sala a construção de uma argumentação coerente e também aspectos relacionados ao nervosismo na hora de falar em público é nosso dever, visto que na escola, no trabalho e na sociedade precisamos demonstrar um bom desempenho comunicativo.

4 A AVALIAÇÃO NO CENTRO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O tema avaliação deve ser amplamente discutido no ambiente escolar porque é uma prática presente nas ações de todo educador e serve como norte para que decisões sejam tomadas de forma coerente. Sabemos da importância de se trabalhar com esse instrumento não em um só período, mas durante todo o ano letivo, observando o crescimento do estudante, bem como suas falhas e avaliando também a nossa forma de ensinar. Entretanto, temos conhecimento de que muitos docentes ainda restringem o processo avaliativo somente ao aluno e ao final de cada unidade trabalhada e assim fica parecendo que a avaliação está fora do processo de ensino e aprendizagem.

O sistema de avaliação ainda é, na nossa cultura, um sistema de promoção. Pais, estudantes e até muitos docentes preocupam-se apenas com o “aprova ou reprova”. Caso os alunos estejam indo bem nas notas, não há o que ser debatido, acrescentado. Se os estudantes não conseguem atingir a nota esperada, sabe-se que houve um erro, porém, na maioria dos casos, nada é discutido e o ocorrido é esquecido sem que se faça um levantamento das questões relevantes que levaram o aluno ao “mau” desempenho e nem sempre há um debate sobre os resultados com os próprios estudantes. Ainda hoje vemos ou sabemos de casos em que os docentes usam esse instrumento da educação como punição e ameaçam seus alunos com chantagens que têm, muitas vezes, a finalidade de fazer com que os estudantes se comportem em sala ou que façam as atividades pedidas pelo professor.

Para os PCN (1998), a avaliação deve ser compreendida como constitutiva, porque é a análise do processo de ensino e aprendizagem. Ela nos dirá o que os alunos sabem e de que maneira e, com essa ajuda, os docentes poderão modificar o planejamento pensado para que ele melhor beneficie o aluno.

A avaliação deve ser compreendida como um conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições. Para tanto, é preciso elaborar um conjunto de procedimentos investigativos que possibilitem o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para tornar possível o ensino e a aprendizagem de melhor qualidade. (BRASIL, 1998, p. 93).

Ainda segundo esse documento, o sistema avaliativo engloba tanto o aluno, porque este saberá sobre seus avanços e possibilidades, quanto os docentes, já que é o momento em que irão analisar criticamente a prática com a qual trabalham em sala de aula. Por isso, esse não é um processo unilateral e monológico, é dialógico, na medida em que devemos levar em

consideração quem aprende, quem ensina e as condições oferecidas para que a aprendizagem aconteça.

Os professores não podem focar tanto na avaliação e esquecer a maneira como a aprendizagem foi passada ao discente. Temos consciência de que dentro do conjunto de problemas do nosso sistema educacional, além da falta de professores, há o método, muitas vezes, ineficiente de ensinar, visto que o conteúdo ainda é passado de forma tradicional e com autoritarismo. As provas levam à memorização de conteúdo e às marcas do erro. Errar é ser apenas castigado, não há um avanço no aprendizado a partir do desvio percebido. Há inúmeras vezes a tensão, a angústia e não existe a consideração do que o aluno aprendeu para o seu crescimento pessoal.

Segundo Luckesi,

A avaliação educacional escolar assumida como classificatória torna-se, desse modo, um instrumento autoritário e frenador do desenvolvimento de todos os que passaram pelo ritual escolar, possibilitando a uns o acesso e aprofundamento no saber, a outros a estagnação ou a evasão dos meios do saber. Mantém-se, assim a distribuição social. (LUCKESI, 2001, p. 37).

Ainda de acordo com Luckesi (2001), falta no processo avaliativo estabelecer um padrão de qualidade do que se espera da conduta do aluno. Sem essa noção, não poderemos avaliar, visto que as possibilidades de julgamento tornam-se amplas. Cientes desse padrão, exige-se o mínimo necessário para aprovação. Somente dessa maneira não limitaríamos a avaliação ao julgamento arbitrário do professor e esse processo estaria fundado no real.

Temos que acreditar na avaliação como mais um método que auxilia a aprendizagem e não como algo que leva os alunos para longe dela. Medir toda a qualidade do que foi trabalhado durante a unidade escolar em um dia, é o mesmo que dizer ser importante somente pouca coisa do que foi ensinado em sala. Um estudante que para os educadores demonstra dificuldades para aprender, pode ter somente um ritmo mais lento que os demais colegas. Cabe ao professor saber fazer uma avaliação do seu método de ensino, como também avaliar as dificuldades da turma com a qual está trabalhando.

Sabemos da falta de tempo dos profissionais da educação, pois quase sempre há uma carga de trabalho excessiva, porém, a escola pública nos privilegia com uma certa autonomia. Então, talvez tenhamos que diminuir a quantidade dos conteúdos programados no planejamento para cuidar de cada aluno como sujeito participativo desse processo que é de todos nós.

Perrenoud (1999) cita sete mecanismos que distinguem o porquê dos procedimentos de avaliação ainda em vigor, na maioria das escolas do mundo, levantarem um obstáculo à inovação pedagógica:

- a) O processo avaliativo toma um tempo muito considerável da prática educativa, então sobra pouco espaço para inovações.
- b) Como os alunos foram treinados a trabalharem pela nota, tentativas de implantação de novas pedagogias muitas vezes não são aceitas.
- c) Professores e alunos são colocados em lados opostos do processo educativo e isso impede o espírito de cooperação.
- d) É um sistema que conserva a didática antiga porque se baseia em notas e em apreciações qualitativas.
- e) Um ensino conservador acaba privilegiando atividades que já estão desgastadas.
- f) Em um sistema tradicional, conhecimentos isoláveis e cifráveis têm prioridade, porque as competências de alto nível (raciocínio, comunicação) são difíceis de serem delimitadas em uma prova escrita ou em tarefas individuais.
- g) Há contradições na equipe pedagógica porque não sabemos ao certo o que estamos avaliando.

O autor argumenta que os mecanismos podem não ocorrer ao mesmo tempo e podem não ser suficientes fortes para impedir a inovação, contudo, configuram-se como empecilhos que retardam o processo educativo, logo, devem ser analisados e cuidados. Também enfatiza que algumas escolas não mais utilizam o sistema avaliativo tradicional e estão abertas à pesquisa e aos projetos e com isso preocupam-se em ensinar a aprender, a comunicar-se.

Um dos instrumentos de avaliação no ambiente escolar é o gênero seminário, por isso os alunos são obrigados a organizar apresentações com o objetivo de obterem a nota da unidade. Se ao menos os docentes realizassem um diagnóstico, para que tivessem noção do que os alunos já sabem sobre esse gênero e trabalhassem antes das apresentações todas as orientações, as apresentações poderiam ser bem avaliadas, entretanto, como já dissemos anteriormente, os alunos nem sempre são orientados na elaboração de exposições e o professor avalia, muitas vezes, somente o domínio do conteúdo e a criatividade, como o uso e a montagem de *slides*. O docente deve planejar o trabalho com o gênero seminário contemplando todas as suas etapas e avaliando cada uma delas. Para isso, tem que estar inteirado da construção desse gênero, acompanhando e debatendo a elaboração de cada parte. Somente planejando a sua didática é que o docente conseguirá alcançar esse objetivo. A avaliação não deve ser um ato isolado

porque assim sendo influenciará o processo educativo de forma negativa e assim não cumprirá o seu papel.

Tanto para o gênero seminário como para qualquer outro tipo de avaliação, o professor deve priorizar, no processo avaliativo, suas observações diárias, de caráter diagnóstico. A participação e produtividade do aluno ao longo da elaboração das atividades tem que ser fator chave no momento da avaliação.

É papel de todo educador pensar a avaliação como um instrumento que permeia sua prática durante todos os dias do ano e assim, proporcionar ao educando a reconstrução de seus conhecimentos. A avaliação deve ser vista na perspectiva diagnóstica para que não continue colaborando com a perpetuação da exclusão social. É assim que durante o processo de aprendizagem o docente poderá identificar as dificuldades da aprendizagem do aluno.

Perrenoud (1999) nos orienta a utilizar a avaliação formativa e afirma ser esse método a maneira como podemos ajudar o aluno a aprender e a se desenvolver. Para o autor, mais coerente seria falar de uma observação formativa do que de uma avaliação. Essa nos prende a uma forma de avaliar em que imperam as classificações como se o ensino pudesse ser contabilizado. Observar de maneira formativa nos distancia da seleção e nos aproxima do real objetivo da educação: ajudar no crescimento do nosso aluno enquanto cidadão.

Pode-se ajudar um aluno a progredir de muitas maneiras: explicando mais simplesmente, mais longa ou diferentemente; engajando-o em nova tarefa, mais mobilizadora ou mais proporcional a seus recursos; aliviando sua angústia, devolvendo-lhe a confiança, propondo-lhe outras razões de agir ou de aprender; colocando-o em um outro quadro social, desdramatizando a situação, redefinindo a relação ou o contrato didático, modificando o ritmo de trabalho e de progressão, a natureza das sanções e das recompensas, a parcela de autonomia e de responsabilidade do aluno. (PERRENOUD, 1999, p. 105).

A atuação do professor em sala não se resume a transmitir os conteúdos culturalmente sistematizados, logo, não podemos restringir o processo avaliativo somente aos assuntos estabelecidos no plano de curso. A avaliação deve também servir para o crescimento do aluno como cidadão questionador e modificador da realidade. É assim que o processo avaliativo irá fornecer dados para tomada de decisões em prol do aprendizado do aluno e estará a serviço da educação e não como um processo externo classificatório. Não ter o processo avaliativo como central no fazer pedagógico é continuar com uma avaliação que tem como objetivo igualar tanta diversidade existente no chão da escola.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) também nos orienta a adotar a avaliação formativa como parte do processo de ensino e aprendizagem. O documento ainda enfatiza que

é necessário considerar o contexto e as condições em que os alunos aprendem na metodologia avaliativa.

Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos. (BNCC, 2017, p. 17)

A avaliação deve fazer parte do centro no processo educativo, ajudando na formação de alunos críticos, autônomos, que construam sua visão de mundo e modifiquem-na quando preciso for. A prova é somente uma formalidade do sistema, o professor mediador sabe valorizar o que de essencial tem no ato avaliativo.

5 O SEMINÁRIO COMO OBJETO DE ENSINO

É inegável a competência discursiva que muitos alunos já possuem antes mesmo de frequentarem a escola. No ambiente escolar, observamos em muitos estudantes a capacidade de dialogar, falar em público, questionar, como também participar de eventos no interior da sala ou referentes a toda comunidade escolar. Alguns também participam ou lideram o grêmio estudantil, cujo objetivo é discutir direitos e deveres dos discentes, debatendo assuntos diversos sobre a escola, a comunidade e a sociedade. Contudo, tratar o ensino da linguagem oral por meio de imprevistos e achar que essas experiências são suficientes para tornar nosso alunado cidadãos críticos, conscientes e aptos a exercerem o direito de expor a sua voz, é camuflar o processo necessário e enriquecedor de ensino e aprendizagem da linguagem oral.

Quanto aos gêneros orais, Bakhtin (1997) enfatiza que, para usá-los livremente, não precisamos recriá-los, porém, é necessário um bom domínio deles.

São muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera. Não é raro o homem que domina perfeitamente a fala numa esfera da comunicação cultural, sabe fazer uma explanação, travar uma discussão científica, intervir a respeito de problemas sociais, calar-se ou então intervir de uma maneira muito desajeitada numa conversa social. Não é por causa de uma pobreza de vocabulário ou de estilo (numa concepção abstrata), mas de falta de conhecimento a respeito do que é o todo do enunciado, que o indivíduo fica inapto para moldar com facilidade e prontidão sua fala a determinadas formas estilísticas e composicionais; é por causa de uma inexperiência de tomar a palavra no momento certo, de começar e terminar no tempo correto (nesses gêneros a composição é muito simples). (BAKHTIN, 1997, p.12).

Os PCN (1998) enfatizam que o trabalho com a língua oral deve ser com responsabilidade, por isso nos trazem a reflexão de que esse trabalho não pode limitar-se somente à competência discursiva que nossos alunos já carregam. Toda a troca de informações, opiniões, confrontos e negociações não são suficientes para que nossos estudantes sejam usuários competentes da linguagem no exercício da cidadania. As múltiplas exigências dos gêneros orais vão além disso, por isso cabe à escola ensinar práticas de uso da língua oral formal por meio de debates, seminários, apresentações teatrais, entre outros.

A exposição oral ocorre tradicionalmente a partir da quinta série, por meio das chamadas apresentações de trabalho, cuja finalidade é a exposição de temas estudados. Em geral o procedimento de expor oralmente em público não costuma ser ensinado. Possivelmente por se imaginar que a boa exposição oral decorra de outros procedimentos já dominados (como falar e estudar). No

entanto, o texto expositivo — tanto oral como escrito — é um dos que maiores dificuldades apresenta, tanto ao produtor como ao destinatário. Assim, é importante que as situações de exposição oral frequentem os projetos de estudo e sejam ensinadas desde as séries iniciais, intensificando-se posteriormente. (BRASIL, 1997, p. 39).

Dentre os gêneros discursivos que têm como foco principal a oralidade temos o seminário, gênero híbrido e sincrético, na medida em que envolve uma apresentação oral permeada pela escrita e pode conter em si diferentes gêneros e linguagens para seu desenvolvimento, como resumos, resenhas, listas, tabelas, gráficos, bibliografia, entre outros possíveis.

O vocábulo seminário tem raiz na palavra latina “*semen(inis)*” (CUNHA, 2010, p. 588), que data do século XIII. Já no século XVI, aparece a forma *seminarium (ii)* (ibidem, 2010, p. 588), da qual se deriva seminário, que, segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010), em uma de suas sete acepções, significa **grupo de estudos em que se debate a matéria que cada participante expõe**. É nesse sentido que pensamos o trabalho com esse gênero, pois queremos fazer de nossa sala de aula um ambiente em que várias vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Sabemos que um bom trabalho de pesquisa com apresentação é essencial na vida de nossos estudantes, já que agrega ao aluno conhecimentos diversos através de reflexões aprofundadas sobre determinado tema, por isso, vemos a importância de se trabalhar esse gênero em sala. O seminário pertence à categoria vinculada à exposição individual ou em grupo em que conhecimentos específicos (técnicos ou científicos) são debatidos, por isso o situamos como um gênero secundário, na tipologia bakhtiniana, visto que não deve ocorrer em circunstâncias espontâneas de interação verbal, ao contrário, através da escrita, deve ser planejado e organizado em todas as suas etapas.

Para os autores Dolz e Schneuwly (2011), a língua oral ainda não se constituiu como objeto autônomo dentro do ambiente escolar, por isso seu ensino continua preso à escrita. Com relação ao seminário, esses autores orientam que os estudantes devem dominar o conteúdo que irão passar para os ouvintes, pois assim compreenderão assuntos ligados a outras áreas do conhecimento como História, Geografia etc. Ao citarem exemplos de gêneros que servem à transmissão e construção de saberes, esses estudiosos organizaram o QUADRO 1: PROPOSTA PROVISÓRIA DE AGRUPAMENTO DE GÊNEROS em que destacam: texto expositivo (em livro didático), exposição oral, seminários, conferência, comunicação oral, palestra, entrevista de especialista, verbete, artigo enciclopédico, texto explicativo, tomada de notas, resumo de textos expositivos e explicativos, resenha, relatório científico, relatório oral de experiência.

Notamos, nos exemplos acima, que os autores separam exposição oral de seminário, logo, entendemos que não estamos tratando de sinônimos. Entretanto, os mesmos autores colocam esses dois gêneros como correspondentes quando afirmam que “fazer uma exposição” – ou, segundo a terminologia frequentemente utilizada na escola, um seminário, - representa uma das raras atividades orais que são praticadas com muita frequência nas salas de aula” (ibidem, 2011, p. 183).

De acordo com Félix (2009), o gênero seminário, através das discussões, traz a possibilidade de se formar novas ideias, novos posicionamentos. Todos os discentes devem, anteriormente, buscar as informações sobre o tema que será trabalhado para que a partir daí os debates ocorram. Já na exposição oral, só o expositor pesquisa e transmite ideias sobre o assunto na hora da apresentação. Esse autor enfatiza a diferença entre seminário e exposição oral, entretanto, iremos, no nosso trabalho, utilizar exposição oral e seminário como sinônimos, como fazem os autores Dolz e Schneuwly (2011). Para eles, seminário pode ser definido como:

Um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 185).

As autoras Cavalcante et al., (2007) ao falarem dos gêneros orais, orientam que os estudantes devem saber em princípio qual o contexto em que o gênero trabalhado é usado, depois familiarizar-se com suas estruturas textuais como: composição e estilo, entre outras. Para elas, deve-se explicar ao aluno que apresentar um seminário não é ler um texto escrito como também não é ter uma conversa com os colegas. Ainda enfatizam que o melhor seria um diálogo entre os diversos gêneros discursivos para que estes tornem-se para o aluno um evento comunicativo.

Atividades com o gênero seminário no ambiente escolar são corriqueiras, podendo acontecer diversas vezes durante o mesmo semestre letivo. Em muitos casos, essa é uma tarefa usada como transmissão de conhecimento ou como forma de avaliação, assim, o professor delimita o tema, organiza as datas das apresentações e determina a duração de cada apresentação, contudo, é raro haver um trabalho prévio que leve os estudantes a compreenderem a função, utilização e o processo eficiente desse gênero. Assim, não podemos afirmar que um trabalho planejado com o gênero oral foi realizado.

Entretanto, se a exposição vem de uma longa tradição e é constantemente praticada, muitíssimas vezes isso se dá sem que um verdadeiro trabalho didático tenha sido efetuado, sem que a construção da linguagem expositiva

seja objeto de atividades de sala de aula, sem que estratégias concretas de intervenção e procedimentos explícitos de avaliação sejam adotados. Deste ponto de vista, a exposição permanece como uma atividade bastante tradicional, na qual, para qualquer tipo de pedagogia, vêm-se expor diante da classe as aquisições anteriores dos alunos – e mesmo seus dons -, quando não, meramente, ajuda dos pais no momento da preparação... (DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 184).

Alguns docentes exageram e organizam atividades de exposição em excesso e os alunos acabam organizando seminários sobre várias aulas que seriam dadas pelo professor, então, deve-se ter cuidado ao planejar e separar os assuntos que podem ser trabalhados pelos estudantes. Não podemos esquecer que o objetivo maior é a constituição do aluno como sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem, e que o saber não deve ser transmitido somente pelo professor ou apenas pelo discente. Para o estudante, essa atividade deve ser pensada com planejamento prévio, por isso não tem como fazê-la em todas as unidades do ano. Na educação, todos têm como contribuir para a transmissão de conhecimento; nas práticas com o seminário, os alunos viram protagonistas da atividade e o professor, orientador da mesma, assim, o modelo tradicional de aula expositiva ministrada somente pelo docente é quebrado.

No entanto, o seminário em si, enquanto um gênero a ser ensinado em sala de aula, quase nunca é trabalhado didaticamente. Não são dedicadas aulas para debater como é a construção desse objeto de ensino. Logo, etapas como produção e organização de *slides*, a importância de um resumo coerente, a postura do aluno na hora da apresentação e que variação linguística deve ser usada não são estudadas em sala de aula antes da apresentação propriamente dita. As exposições que resultam dessa falta de explicação do gênero são quase sempre insatisfatórias para o professor, para os alunos que estão assistindo e para os que organizaram o trabalho. Essa realidade não faz parte somente da educação básica, no ensino superior também presenciamos frustrações com relação a esse gênero.

O professor deve deixar claro que produzir um seminário não é memorizar conteúdo, é aquisição de conhecimento para posterior transmissão, por isso tratar esse gênero de maneira simplificada é um erro que causará apresentações ruins. Os alunos devem estar cientes, primeiramente, de que dividir o tema em partes, cada membro do grupo ficar responsável por uma parte e não se inteirar do conteúdo todo do trabalho também não é aprendido.

Para os autores Dolz e Schneuwly (2011), a exposição é um trabalho também de consideração para com a plateia, visto que o expositor deve se organizar antecipadamente a fim de passar o assunto de forma eficiente e de maneira que envolva o auditório. É um instrumento que permite a transmissão de vários conteúdos, aprendidos especialmente pelo aluno

especialista. Através desse gênero, aprendemos como se trabalhar didaticamente, já que precisamos pesquisar as informações, selecioná-las, e saber, previamente, qual objetivo se quer alcançar e assim montar um esquema que nos ajude na hora da apresentação.

Para aqueles que, na hora da apresentação, leem o conteúdo, deve-se ficar claro que essa forma de apresentar é correta, contudo, a entonação da voz em uma leitura clara e pausada é de extrema importância para a transmissão da pesquisa.

A oralização da exposição comporta também diversas características que fazem parte integrante do modelo didático e devem ser objeto de um trabalho em sala de aula. Globalmente, a oralização deve, em primeiro lugar, favorecer, uma boa compreensão do texto: falar alto e distintamente, nem muito rápido, nem muito lentamente, gerenciar as pausas para permitir a assimilação do texto etc. Mas a oralização participa também da retórica textual: captar a atenção da audiência, variando a voz; gerenciar o suspense; seduzir etc. E a oralização contribui também para a estruturação da exposição, particularmente quando a voz marca uma mudança de nível textual: passagem do texto ao paratexto; introdução de um exemplo etc. A oralização inclui a gestualidade, a cinestésica, a proxêmica: um certo gesto que ilustra o propósito, como uma postura que cria a convivência; a mão que escande as partes etc. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 192).

Como os alunos apresentam dificuldades para organizar previamente a apresentação, o conteúdo e a discussão que trazem dos textos selecionados não são satisfatórios. É muito comum que eles fiquem parados na frente da sala, sem saber como gesticular, para quem olhar e até mesmo sem saberem ler o que pesquisaram.

Diante do exposto, verificamos que é essencial dividir a atividade com o seminário em duas partes, tendo como base as etapas do discurso persuasivo de acordo com os estudos da retórica. A primeira parte está relacionada à *inventio*, à *dispositio* e à *elocutio*, visto que focalizará o gênero como objeto de ensino, e a segunda, a apresentação do que foi pesquisado e para que os alunos mostrem tudo o que aprenderam e que compõem o gênero em si, assim, está relacionada à *actio* e à memória. Inicialmente, os professores devem mostrar o que é um verdadeiro seminário, a importância de ser trabalhado em sala, como dividir as etapas entre o grupo. Essa parte também é destinada à organização da pesquisa, leitura de textos, resumo das ideias, elaboração dos *slides* ou cartazes e a organização da apresentação em si (aparência e postura física a serem adotadas na hora da exposição). A segunda etapa refere-se às apresentações propriamente ditas, pois como os alunos já possuem conhecimento de como devem fazer uma boa exposição, os docentes podem cobrar conteúdo, linguagem e postura adequados.

Devemos também oferecer possíveis fontes de conhecimento para que o aluno saiba o que realmente é um especialista e não improvise na hora de sua apresentação. Conforme Dolz e Schneuwly (2011), o expositor-especialista tem como papel transmitir as informações da melhor forma possível. Seria ideal compor o início de uma apresentação com uma problemática. Esse método deve levar em conta o que o público já sabe sobre aquilo que está sendo abordado, como também as expectativas que rodeiam o auditório. Deve também saber avaliar o seu público, notar quando está sendo claro com suas ideias ou quando está gerando dúvidas e desconforto, assim, mudando a sua didática, quando necessário. Deve ter ciência das condições que garantem a transmissão de suas ideias: “da elocução clara e distinta à explicitação de aspectos metadiscursivos da exposição (plano, mudanças de tema, de partes etc.), passando pela legibilidade e pertinência dos documentos auxiliares utilizados.” (ibidem, 2011, p. 187).

Essencial também para a realização de um bom seminário é a pesquisa. Através dela os estudantes terão como interagir com as vozes de outros autores e construirão seus próprios discursos. Os estudantes devem ser orientados que a leitura dos textos colhidos tem que ser feita de maneira atenta, separando as ideias primárias das secundárias para com isso construir resumos adequados.

Os autores Dolz e Schneuwly (2011) nos orientam também que:

O planejamento de uma exposição exige, primeiramente, que se proceda a uma triagem das informações disponíveis, à reorganização dos elementos retidos e, por fim, à sua hierarquização, distinguindo ideias principais de secundárias, com a finalidade de garantir uma progressão temática clara e coerente em função da conclusão visada. Essas primeiras operações, que precedem o planejamento textual propriamente dito, devem ser objeto de um trabalho em sala de aula, para que as exposições dos alunos não se reduzam a uma sequência de fragmentos temáticos sem ligação entre si. Operações tais como, a pesquisa de elementos pertinentes num texto-fonte, sua hierarquização e sua organização podem ser objeto de atividades individuais ou em grupo, com correção coletiva para toda a classe. DOLZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 187).

Para os autores, a exposição deverá ser ordenada em partes e subpartes, que permitam distinguir as fases sucessivas de sua construção interna.

- a) Fase de introdução ao tema do seminário: momento do discurso propriamente dito, delimitação do assunto. Etapa em que o orador pode legitimar suas escolhas, apresentar seu posicionamento em relação ao tema.
- b) A apresentação do plano do seminário: etapa na qual fica explícito todo o planejamento para abordagem do tema.
- c) Fase de recapitulação e síntese: retomada dos pontos principais do trabalho.

- d) A conclusão: transmissão de uma mensagem final como também abertura de um debate.
- e) O encerramento do seminário: agradecimento ao público.

Na parte dedicada à conclusão, os autores enfatizam que pode ser margem para um debate. Vemos o levantamento de discussões como imprescindível para o crescimento do aluno porque é no confronto de opiniões ou mesmo ouvindo argumentos alheios que expandimos nossos conhecimentos e percepções.

Assim, percebemos que o gênero seminário não pode ser trabalhado sem um planejamento que englobe todas as etapas que devem ajudar na finalização de uma exposição eficaz. É um gênero oral bastante complexo, pois requer não só o domínio dos meios linguísticos, mas também de meios não-linguísticos. Sabemos também que é híbrido, pois a oralidade depende da escrita, visto que, além dos resumos dos assuntos que devem ser feitos, temos, em inúmeras apresentações, o uso de *slides*.

Se acaso essa consciência não seja concretizada no ambiente escolar, continuaremos a assistir a apresentações ruins de nossos estudantes, sejam eles do ensino fundamental, médio, superior, mestrado, doutorado ou já profissionais. Logo, é essencial que a sala de aula do ensino fundamental estimule práticas que tragam experiências de apresentação em público. Porém, simplesmente passar trabalhos para que os alunos apresentem não é suficiente, o ideal é mostrar, ensinar sistematicamente e cobrar o passo a passo de uma apresentação satisfatória.

6 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Sabemos que o medo e o nervosismo trazem muita insegurança para a maioria das pessoas na hora em que as atividades requerem o falar em público. Mesmo dominando o conteúdo, muitos indivíduos sentem-se envergonhados e, alguns, devido a muita timidez, passam mal. Reconhecendo a importância de transformar o alunado em cidadãos com opiniões coerentes e críticas e de um bom domínio no ato de falar em público, queremos estimular tais práticas de maneira consciente e elaborada.

Conforme já anunciamos, nosso objetivo foi trabalhar, junto a alunos do 9º ano de uma escola estadual de Aracaju/SE, o reconhecimento do seminário como uma atividade que requer planejamento e preparação, portanto, como um objeto de ensino. Queríamos algo palpável de ser realizado e pensamos nesse gênero porque essa é uma atividade corriqueira no ambiente escolar. Outra motivação foi o fato da pesquisadora desse projeto já ter sido procurada por muitos discentes para que os ajudassem na elaboração de seminários propostos por professores de outras disciplinas.

A turma para a qual o projeto foi pensado fazia parte do 9º ano do fundamental de uma escola localizada no centro de Aracaju. Esse estabelecimento de ensino abriga mais de 1500 alunos e seu público são estudantes oriundos de diversos bairros que acreditam ser esse ambiente escolar um dos melhores da capital. Muitos desses discentes são dedicados aos estudos, prezam pela participação em projetos e fazem cursos diversos como os preparatórios para o ENEM, os de interpretação de texto ou de recepcionista. Esses cursos são gratuitos e em outras instituições. No início de 2017, todos os 9º anos foram extintos na escola, a fim de que dessem lugar ao sistema integral de ensino. Hoje, convivem turmas do 1ª ano do integral e as do 2º e 3º do regular. Em 2019 só terão turmas do sistema integral de ensino.

Desse modo, o projeto teve que ser desenvolvido em outra turma de uma outra escola, também da rede estadual de ensino, escolhida pela DEA (Diretoria de Educação de Aracaju) por estar sem professor de português. Segundo informações colhidas com uma das coordenadoras, no prédio pertencente à escola iniciou-se, em 2013, uma reforma não concluída. Em 2016 as obras foram retomadas e as turmas tiveram que ocupar o lugar onde estão hoje, que é uma parte de uma outra escola cedida pelo governo. Nesse prédio atual, contamos com auditório, sala de informática e biblioteca, porém, não utilizamos muito porque são espaços para duas escolas e há muito choque de horário. Os alunos dizem não gostar do local onde se

encontra a escola hoje, pois é um ambiente muito fechado, já que é uma escola pensada para os estudantes portadores de alguma deficiência.

A turma na qual foi desenvolvido o projeto é composta por apenas 9 alunos e é o único nono ano do período da tarde. Os estudantes moram em bairros da periferia de Aracaju, como Marcos Freire e Japãozinho, e devido à mudança do local da escola, alguns pegam dois ônibus para chegarem ao prédio atual. Somente uma aluna não é repetente, por isso é a única com idade condizente para a série. Os outros possuem entre 17 e 18 anos e reprovaram em outras escolas. Dos nove, três estudantes apenas afirmaram gostar de ler e de estudar. Esses alunos precisam de muita atenção com conversas encorajadoras, porque apenas um pensa em fazer uma universidade, enquanto os outros não conseguem visualizar um futuro além do trabalho assalariado e não falam dos estudos como um meio de ascensão social. A maioria desses meninos não possui o costume de usar as redes sociais para pesquisa e raramente fazem as tarefas escolares em casa.

Essa mudança de público fez-nos repensar todo o projeto e alterar a ordem de uma das etapas, como também utilizar de mais aulas em uma só atividade. Lançamos mãos de estratégias com o intuito de envolver a todos e elevar a autoestima desses alunos, já que verificamos a dificuldade de eles acreditarem em si mesmos. Estimular a construção sadia de cada um desses estudantes foi um desafio motivado pelo gênero seminário, visto que o primeiro passo para que se conquiste a confiança do público é o orador acreditar em si próprio.

O nosso objetivo também perpassa por trabalhar, nessa turma, a construção de posicionamentos firmes, coerentes e críticos, bem como a participação em grupo, pois sabemos o quão é importante saber trabalhar em equipe, visto que os educandos aprendem a pensar coletivamente, aprendem que a interação social é questão fundamental para se viver em sociedade. Trabalhamos também o saber ouvir e respeitar opiniões alheias e com elas a construção e modificação da própria voz. Os debates em sala trouxeram a ideia de que o respeito às diferenças é fundamental para sermos cidadãos mais educados e respeitosos, com capacidade de pensar, questionar e modificar a realidade em que vivemos.

A sequência didática abaixo servirá de suporte para que os docentes trabalhem o seminário como objeto de ensino antes de cobrarem apresentações em sala de aula e como um gênero que serve de instrumento modificador, visto que favorece o crescimento do estudante como cidadão participativo. Nossas sugestões podem ser transformadas como também adaptadas para o público-alvo de cada projeto.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2011), trabalhando com sequências didáticas, estamos contribuindo para que os alunos dominem gêneros novos e conheçam melhor a

estrutura daqueles que pouco usam. Segundo esses autores, a sequência didática define-se como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (ibidem, 2011, p. 82).

Como trabalhamos com um gênero oral, ainda segundo Schneuwly e Dolz (2011), para tornar esse texto observável, os autores sugerem a gravação como método eficaz. A fala assim poderá ser observável e comparada a outras falas. O gravador é para eles instrumento indispensável em qualquer ensino da expressão oral. Não usamos a gravação sugerida pelos autores, trabalhamos com a filmagem¹, já que entendemos que dessa forma as apresentações dos nossos alunos foram melhor avaliadas, pois verificaremos, além da voz, os aspectos não linguísticos. Assim, utilizamos o celular para filmar as apresentações dos nossos estudantes.

6.1 Quadro resumo das etapas e atividades

ATIVIDADES	
1ª ETAPA	1ª aula: Explicação do projeto com detalhamento do objetivo e das etapas. Aplicação do questionário. 2ª aula: Debate sobre as ideias colocadas nos questionários e formulação do significado do gênero seminário pelos próprios alunos.
2ª ETAPA	1ª, 2ª e 3ª aulas: Dicas sobre os elementos não linguísticos (Palestra com o professor Anderson Gois) 4ª e 5ª aulas: Debate em sala sobre as ideias explanadas pelo professor Anderson Gois na palestra e as contidas no livro <i>Falar em público e convencer: técnicas e habilidades</i> , de Izidoro Blikstein.
3ª ETAPA	1ª e 2ª aulas: Leitura e elaboração de resumo sobre o texto “O que é Feminismo” trazido pela professora. Esse primeiro resumo foi com palavras do próprio texto. A docente pediu que os alunos fizessem pesquisas sobre o tema em questão. 3ª e 4ª aulas: O primeiro resumo foi lido entre pares e individualmente os alunos fizeram outro, agora com as próprias palavras. 5ª aula: Exemplo de como se deve trabalhar com as vozes dos autores. Os alunos acrescentaram vozes de autores ao segundo resumo produzido.
4ª ETAPA	1ª e 2ª aulas = Incentivo à argumentação. Debate sobre o tema Feminismo com ênfase na letra da música “Respeita as minas”, de Kell Smith.
5ª ETAPA	1ª aula = Sugestões sobre a elaboração de cartazes.
6ª ETAPA	1ª e 2ª = Oficina sobre a elaboração de <i>slides no powerPoint</i> .

¹ Confeccionamos um DVD e disponibilizamos para a professora-orientadora e para as professoras participantes da banca.

7ª ETAPA	1ª aula = Divisão dos grupos e escolha dos temas para os seminários finais. 2ª aula = Seminário teste com o tema Feminismo.
8ª ETAPA	1ª, 2ª e 3ª aulas = Apresentação final e análise dos Seminários.

Tabela 1 – Resumo das atividades.

6.2 Descrição das atividades, reflexões e análises

6.2.1 1ª etapa

QUESTIONÁRIO E ARGUMENTAÇÃO

Iniciamos a primeira etapa do projeto no segundo semestre do ano letivo de 2017. No dia 24 de outubro de 2017, retomamos nossas atividades na escola e, no dia 25 do mesmo mês, houve o primeiro contato dos alunos com as atividades da pesquisa. Como temos cinco aulas de português no 9º ano, pensamos em dedicar uma aula à realização das etapas do projeto, entretanto, notamos que duas ou até mais aulas seriam necessárias para que o trabalho fosse realmente eficiente. Assim foi distribuído nosso planejamento: uma aula para iniciação à literatura, duas aulas para a parte de português, duas aulas para a parte de redação onde incluímos as atividades do projeto. Conversamos sobre o objetivo do projeto, explicamos que todo o trabalho seria dividido em oito etapas e que a sétima, por ser o seminário teste, seria a única sem pontuação, enfatizamos a importância da participação dos alunos para a efetivação das atividades e discutimos se a nossa proposta era viável para o perfil desse 9º ano.

Depois da conversa inicial, houve a distribuição dos questionários. Através desse instrumento, procuramos saber, entre outras questões, em quais disciplinas os alunos utilizam o seminário e se eles conhecem a importância desse gênero discursivo para um melhor desempenho na vida em sociedade ou se o viam simplesmente como instrumento de avaliação. Dos oito estudantes que frequentam as aulas, um não quis responder o questionário no dia, porém, respondeu na semana seguinte e afirmou que não iria apresentar nenhum trabalho; sete se mostraram entusiasmados e, mesmo aqueles que disseram ter muita vergonha para apresentar trabalho em público, afirmaram que iriam contribuir para a execução e o bom andamento das atividades. As perguntas foram respondidas e eles puderam discutir livremente com os colegas suas afirmações em cada resposta.



Imagem 1 – Alunas respondendo ao questionário da 1ª etapa

No dia 01 de novembro, aconteceu o debate sobre as respostas colocadas no questionário e, assim, avaliamos cada resposta e iniciamos o trabalho para o desenvolvimento da argumentação. Todos afirmaram que os professores adotam essa atividade em sala e que os docentes usam mais a nomenclatura seminário e menos apresentação de trabalho ou exposição.

A maioria dos estudantes veem um trabalho desse tipo como cansativo, devido às pesquisas que devem ser feitas sobre o tema trabalhado, pois mesmo que naveguem em poucos sites, é exaustivo. Um discente ainda colocou que o cansaço também se dá pelo fato de terem que escolher um vocabulário melhor para falar. Apenas um estudante colocou que é um prazer fazer exposições.

Ao responderem se preferem se dedicar às provas tradicionais ou aos seminários, muitos discentes disseram que preferem os seminários porque, apesar de ser uma atividade cansativa, é mais fácil. Na discussão em sala, percebeu-se aqui que essa afirmação vem do fato de eles pouco pesquisarem sobre o assunto e estudarem somente a parte que lhes coube na divisão do conteúdo. Um aluno destacou que a sua preferência pelo seminário é porque é um trabalho em grupo. Outro se deteve a importância de se aprender mais com esse tipo de trabalho e um falou que a importância de fazer uma atividade dessa é aprender a se expressar melhor.

A maior parte da sala prefere quando as aulas são ministradas pelos professores, visto que, segundo eles, os professores explicam melhor e com calma. Somente três alunos

destacaram que aprendem mais com as apresentações porque com a pesquisa há a facilitação da aprendizagem do conteúdo.

Para eles, melhoramos nossas exposições quando nos dedicamos mais. Um aluno claramente escreveu que estudando o assunto é a melhor maneira de fazermos boas apresentações. No debate, deixamos claro que uma boa pesquisa para dominarmos o assunto é realmente o primeiro passo para prepararmos excelentes seminários.

Para os alunos, os docentes podem ajudar a melhorar as apresentações dando dicas. Ao debatermos sobre essas dicas, afirmaram que os professores passam seminários, porém não ensinam como fazê-lo e que por isso os estudantes não sabem como ler na hora da apresentação, como falar melhor e como se posicionar na frente do público.

Muitos alunos afirmaram ser a timidez o maior problema enfrentado por eles nesse tipo de atividade escolar, pois eles se sentem desencorajados a expor oralmente os trabalhos para os colegas e professor. Alguns afirmaram que já ficaram sem a nota da unidade, pois preferiram não ser avaliados quando o seminário é o único meio de avaliação. Entretanto, alguns reconhecem a importância do seminário e defendem sua adoção nas aulas, argumentando que se aprende mais quando se faz pesquisa.

Refletimos a respeito da importância desse gênero, colocando-o como ponte de acesso à construção da argumentação para a tomada de posicionamento sempre que preciso for e à realização de uma boa entrevista de emprego. A discussão mostrou-se proveitosa, pois mesmo aqueles alunos que se mostraram resistentes às apresentações terminaram dizendo que estavam dispostos a enfrentar o desafio, já que puderam avaliar o próprio desempenho e o dos colegas nas exposições das quais já participaram ou as que assistiram, chegando à conclusão de que precisam melhorar em muitos aspectos. Discutimos também o trabalho com esse gênero somente como forma de avaliação e todos os estudantes afirmaram ser a pontuação o único objetivo, porém, depois de tantas conversas visualizaram o quanto podemos tirar de aprendizado quando seguimos as etapas de forma planejada.

Os estudantes definiram sozinhos o gênero seminário. Todos se detiveram a ser um gênero em que se expõe um assunto que foi pesquisado e, em seguida, debatemos a definição dada por Dolz e Schneuwly (2011), discutindo a figura do expositor especialista e o porquê de não podermos trabalhar o gênero em questão sem levarmos em conta todas as etapas para a sua preparação, também refletimos sobre o fato de esse gênero ficar mais enriquecido se expositor e público argumentarem sobre as ideias colocadas. Essa parte foi nova para a turma, pois nunca tinham pensando em debates no término de uma exposição. Chegamos à conclusão de que a discussão das ideias expostas é essencial para fortalecer o aprendizado das questões levantadas,

podendo o estudante aprender a ouvir opiniões diferentes e assim modificar suas convicções a respeito de um dado assunto.

6.2.2 2ª etapa

ELEMENTOS NÃO LINGUÍSTICOS

Nessa parte do projeto, trabalhamos a importância do *ethos*, que se evidencia tanto na linguagem verbal quanto na não-verbal. Segundo Ferreira:

O *ethos* retórico, então, pode ser entendido como um conjunto de traços de caráter que o orador mostra ao auditório para dar uma boa impressão. Incluem-se nesses traços as atitudes, os costumes, a moralidade, elementos que aparecem na disposição do orador. (FERREIRA, 2010, p. 21).

Privilegiando a construção do *ethos* na *actio*, convidamos o professor Anderson Gois para nos ajudar nessa etapa. Anderson Gois é formado em Letras pela Universidade Tiradentes – Unit. Professor há mais de 15 anos, radialista e *Learning Coach*, com formação em *Coaching* e *Mentoring* pelo Instituto Holos, *Leader Coach*, *Profiler Coach* e *Life & Professional Coaching* pela *BrasCoaching*. O professor tem certificações internacionais em Análise de Perfil Comportamental (DISC) pela Solides LCC, empresa norte-americana (EIN 46-2411847) e em *Coaching* pelo ICF – Internacional *Coach Federation* no programa CCE – *Continuing Coaching Education*.

Assistiram à participação do professor os alunos que fazem parte da pesquisa e estudantes da escola estadual em que se encontra o auditório onde foi realizada a palestra. Os discentes saíram muito satisfeitos, pois nunca tinham ouvido tantas dicas para melhorar o desempenho na hora de uma apresentação. O palestrante fez uma dinâmica com a finalidade de ensinar a conquistar a plateia para que esta fique em silêncio e preste atenção ao que está sendo falado. A outra dinâmica teve o objetivo de trabalhar o olhar, a fim de que todos aprendessem a ter expressão e passassem confiança para o público, então, Anderson Gois falou da importância do olhar firme e direcionado a toda a plateia.

O palestrante frisou que o primeiro passo para se ter segurança na hora de uma exposição é o domínio do conteúdo, por isso pesquisar e estudar o assunto que será exposto é essencial. Falou que elaborar questões sobre o que vai falar é um bom método para aprender o assunto. Para ele, cada um tem uma maneira particular de relaxar, então, para diminuir o nervosismo na hora de falar em público, o orador deve buscar o que melhor se adéqua a ele mesmo. Anderson citou vários exemplos de como alguns oradores famosos fazem para relaxar antes de terem

contato com a plateia, também perguntou aos professores que estavam presentes quais técnicas usavam para este fim.



Imagem 2 – Palestra sobre os elementos não linguísticos da retórica

Na aula seguinte, debatemos as ideias do professor Anderson Gois e apresentamos o livro *Falar em público e convencer*, do professor de Linguística e Semiótica Izidoro Blikstein. Essa parte contribui para que se trabalhe melhor a *actio*.

Segundo Blikstein (2016), a comunicação deve gerar efeitos no público, então, somente passar informações não garante a persuasão. Para falar em público precisa-se de preparação, por isso, caso o orador não queira passar por situações ruins, não deve estar despreparado nem contar com o improviso. Se o objetivo é captar a atenção do ouvinte, as mensagens devem ser atraentes. Os ganchos (um exemplo, uma história, uma piada, uma frase de efeito) têm esse papel de chamar a atenção do auditório, contudo, o gancho não pode ser de improviso, também tem que ser planejado para funcionar de forma coerente.

Ainda segundo Blikstein (2016), existem algumas recomendações para quem se prepara para falar em público:

- 1) Mantenha contato visual com os ouvintes.
- 2) Utilize expressão facial amigável.
- 3) Faça gestos e movimentos coerentes com a apresentação.
- 4) Evite gestos e movimentos desordenados.

- 5) Procure não prender mãos, braços, pernas e pés.
- 6) Evite mãos nas costas, nos quadris e nos bolsos.
- 7) Evite gestos ou posturas inconvenientes.
- 8) Evite postura imobilizada.
- 9) Evite ficar na frente da lua do projetor.
- 10) Utilizar *pointer* (ou apontador a laser) para indicar itens nos *slides*, evitando sombras na tela.
- 11) Cuide do vestuário.
- 12) Procure articular, de modo harmônico e coerente, a fala (voz, entoação, pronúncia, ritmo e pausas) e a expressão corporal (contato visual, expressão facial, gestos, postura, movimentação e vestuário). (BLIKSTEIN, 2016, p. 130)

Blikstein (2016) também afirma ser marcante em uma apresentação o uso de uma linguagem clara, elegante e correta (sem cacoetes, repetições e desvios da norma-padrão). O discurso deve ser fluente por meio de um vocabulário rico e variado, sem travas, repetições e expressões redundantes. Para ser persuasivo, o comunicador deve estudar o assunto que irá transmitir e organizar a sua apresentação, assim, estará convicto de suas ideias e passará credibilidade aos seus ouvintes, o que remete à *inventio*.

Sabemos da importância de se respeitar as regras da Língua Portuguesa, porém, adaptar a linguagem usada ao público-alvo é essencial para a eficiência da comunicação. Uma análise do auditório é uma boa estratégia, assim, devemos procurar saber pelo menos a idade das pessoas que compõem o auditório, a cultura em que estão inseridos e o nível de educação. Os seminários aqui trabalhados serão para jovens, logo, uma linguagem mais despojada estará coerente com o contexto.

A palestra e o debate em sala serviram de motivação para que os estudantes ficassem mais empolgados a participar do projeto, pois tudo foi passado de maneira simples e clara e enfatizando a ideia de que tais ensinamentos devem acompanhar o estudante também fora da escola. O contato dos alunos com o professor Anderson Gois foi de extrema importância para a execução do projeto porque ficou clara a ideia de que o orador tem um papel-chave nessa relação com o público e para que se conquiste o público temos primeiro que acreditar em nós mesmos.

6.2.3 3ª etapa

RESUMO DE TEXTOS

De acordo com Antunes (2003), no que se refere às atividades com a escrita, ainda podemos verificar uma prática improvisada, sem planejamento e revisão. Para a autora, devemos trabalhar uma visão interacionista da escrita que supõe encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Com essa visão, se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. Escrever sem saber para quem é uma tarefa difícil e ineficaz, visto que falta a referência do outro, a quem todo texto deve adequar-se.

Corroborando com as ideias de Antunes, iniciamos o trabalho propriamente dito com a *inventio*, já que entendemos ser essencial conhecer bem o assunto a ser explanado para que se encurte a distância entre o orador e público. Então propomos aos alunos, nessa parte do trabalho, a elaboração de um resumo sobre o tema do feminismo. A escolha de ser esse o primeiro tema trabalhado em sala foi devido aos muito relatos das alunas, durante as aulas, sobre abusos de autoridade dos pais e padrastos, como também do comportamento subserviente das estudantes diante de seus maridos ou namorados. Os alunos fizeram a leitura do material entregue e sublinharam as partes que para eles são principais. Toda a parte destacada no texto foi passada para uma folha e assim foi composto o primeiro resumo. Pedimos que os alunos fizessem pesquisas sobre o tema trabalhado.

Os resumos foram lidos entre pares escolhidos livremente pelos próprios discentes, e, em seguida, foi pedido que um segundo resumo fosse elaborado. Esse agora foi composto com as palavras do próprio aluno e teve o intuito de trabalhar a autoria nos textos prontos. Essa atividade teve grande relevância porque foi mostrado como é essencial ler e reler o texto até que as ideias fiquem claras. Os educandos trabalharam a importância de filtrar as ideias colhidas de forma que o seu leitor entenda o todo do texto, por isso o resumo deve ser breve, coerente e atrativo.



Imagem 3 – Aluna escrevendo o resumo da 3ª etapa.

Com as pesquisas que os discentes fizeram, trabalhamos com as vozes dos autores e mostramos como ajudam na composição do *ethos*, ou seja, da imagem discursiva do enunciador, pois as citações servem para ilustração, sustentação ou esclarecimento sobre o assunto trabalhado e por isso enriquecem o conteúdo e dão credibilidade à fala do orador. Reforçamos que ao reescrevermos um assunto internalizamos melhor o conteúdo e assim fica mais fácil expor as ideias para o auditório.

6.2.4 4ª etapa

ARGUMENTAÇÃO

Com as pesquisas em mãos, debatemos mais a respeito do assunto sobre o qual foram feitos os resumos e trabalhamos com a *dispositio*, pois selecionamos o que de importante dos resumos e das pesquisas deve fazer parte de uma exposição. A *dispositio* é muito importante para o gênero seminário porque diz respeito, principalmente, à disposição das partes do discurso: uma parte introdutória, que avisa qual o assunto que será tratado, a disposição dos argumentos, ou o desenvolvimento, e a finalização. Cada argumento deve ser usado no momento certo para que o discurso exerça maior efeito sobre o auditório.

Em seguida, trabalhamos com a *elocutio*, já que fizemos a seleção de um léxico coerente e das melhores figuras de retórica para melhorar o modo de expressão verbal e passarmos credibilidade aos transmitimos nosso pensamento.

Para Ferreira (2010), o objetivo da expressividade retórica é sempre o auditório. Este, deve ser o foco central para que haja predomínio do *pathos*. Ele cita as figuras de linguagem tradicionais que, por exemplo, ganham na retórica um sentido o qual ultrapassa a elegância: revestem-se de um valor argumentativo indo além da expressão da subjetividade. Pretendem impressionar pela emoção e condensar valores necessários para estabelecer a argumentação.

O estímulo à construção da argumentação coerente e convincente deve ser prática constante nas escolas, pois o ensino do argumentar encerra conhecimento em diferentes áreas e ajudará, concretamente, na formação de sujeitos críticos e atuantes no meio político e no ambiente social. O aluno deve ser sempre instigado a questionar o que é colocado pela mídia para que construa novos discursos e com isso exerça sua cidadania da melhor forma possível.

O debate gerado em sala começou com a diferença entre os significados dos termos feminismo, femismo e machismo. Os alunos afirmaram ser a nossa sociedade extremamente machista.

Uma aluna já veio à aula com a música “Respeita As Mina”, de Kell Smith, e nós debatemos todos os trechos da composição. A letra dessa canção valoriza e pede respeito às decisões femininas, por isso discutimos o respeito para com as escolhas da mulher, o domínio que ela tem sobre o próprio corpo e a questão do fim à subserviência ao sexo masculino. O foco maior da nossa discussão foi a letra dessa música e de algumas músicas que circulam entre nós e que ofendem a imagem da mulher, reduzindo-a a objeto sexual.

Várias letras que reproduzem discursos machistas e reafirmam a continuidade da violência contra o sexo feminino foram citadas. Também questionamos o fato de que a violência sexual é, muitas vezes, tratada nessas canções de forma natural, com tom festivo e engraçado porque tais músicas reafirmam, infelizmente, o domínio do homem sobre a mulher em todas as situações. Os alunos concordaram que precisamos rever nossos conceitos sobre a igualdade de gênero, enfatizando o papel e a importância da mulher na sociedade.

6.2.5 5ª etapa

CONFECCÇÃO DE CARTAZES

O uso de cartaz na apresentação de seminários deve ser levado em consideração como uma opção, já que muitas vezes os alunos, por falta de equipamento, não conseguem produzir *slides*. O cartaz também é um motivador no processo de ensino e aprendizagem. Deve-se ter o cuidado para que não sejam confeccionados cartazes em quantidade exagerada, pois esse acúmulo deixa a apresentação cansativa. Devemos ter cuidado com a cor da cartolina usada para não contrapor com a cor do texto escrito. O cartaz jamais deve ser exposto sem a correção gramatical.

Perguntamos aos discentes se eles achavam interessante a produção de cartazes e todos disseram que queriam aprender, pois tinham muitas dúvidas quando usavam esse recurso em algum trabalho pedido pelos professores. Dividimos a sala em dois grupos e fizemos dois cartazes sobre o feminismo.

Essa parte e a da confecção de *slides* também dependem da modalidade escrita da língua e envolvem todas as etapas para a organização de um discurso. Utilizamos a invenção ao pesquisarmos sobre o tema trabalhado, passamos para a disposição quando ordenamos os argumentos encontrados, selecionamos coerentemente as imagens que compuseram os cartazes e os *slides* e organizamos a ordem de apresentação das partes. A elocução aparece no trabalho com a linguagem, pois é o nosso estilo adaptado ao que acreditamos ser o gosto do público. A linguagem verbal e não-verbal, cores, disposição gráfica, diagramação, fonte irão ser mais um artifício para que prendamos a atenção do auditório. A ação nos fará alcançar o público prendendo a sua atenção da maneira mais atraente possível.

6.2.6 6ª etapa

SLIDES

Essa etapa começou com a proposta de uma oficina de produção de *slides* no laboratório de informática, porém, sendo poucos alunos, preferimos nos manter no ambiente da sala de aula, até porque a internet que usamos foi a das professoras presentes na oficina, já que o acesso ao Wi-Fi da escola é muito falho. O que nos chamou a atenção nessa atividade foi o fato de somente uma aluna conhecer o *PowerPoint*. Os outros alunos sabiam da existência dos *slides*, mas não sabiam como fazê-los.

A professora Tássia Alexandre Bertolo foi convidada para ajudar a professora pesquisadora nessa parte do projeto. Mesmo não sendo da área de informática, ela possui conhecimento e didática suficientes para conduzir a atividade. Tássia é formada em Ciências Biológicas – UFS, professora da rede pública e privada de ensino, especialista em Educação Ambiental com ênfase em espaços educadores sustentáveis, pesquisadora dos grupos de estudo GPEMEC – Grupo de pesquisa em educação matemática e ensino de ciências - e GEPEC – Grupo de estudo e pesquisa em educação em ciências -, e mestra pelo Núcleo de Pós – Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da UFS.



Imagem 4 – Oficina de *PowerPoint*.

Os estudantes não só aprenderam a usar o *PowerPoint* como também a elaborar bons slides. As dicas da confecção de cartazes valeram também para essa atividade. Esse recurso melhora a visualização de dados e imagens e, por isso, torna a aula mais participativa. No entanto, *slides* poluídos são um desastre para a exposição, eles devem ser concisos, pois o desenvolvimento do tema é oral, a *dispositio* é trabalhada aqui de forma bem evidenciada, já que a prioridade é organizar o que foi pesquisado em ordem lógica. A prioridade deve ser para imagens e não para o texto, pois o que se pretende é prender a atenção do público, assim, a *actio* mais uma vez está sendo trabalhada. Devemos lembrar que recursos audiovisuais são suportes para uma boa apresentação, então, se acaso o orador for ler os *slides*, a exposição ficará

monótona. O ideal é reservar um tempo de dois a três minutos para cada slide. Não se pode também correr com os *slides*, porque pode parecer falta de planejamento.

Os *slides* devem ser revisados para que se evite desvios da norma culta, já que a escrita requer o padrão formal da língua. É bom evitar ficar olhando para a tela e não devemos esquecer que não podemos ficar na frente da luz do projetor.

Os estudantes participaram atentamente dessa aula e, em grupo, criaram vários *slides* para reforçar o aprendizado sobre o *PowerPoint*.

6.2.7 7ª etapa

DIVISÃO DOS GRUPOS E DOS ASSUNTOS QUE SERÃO TRATADOS NO SEMINÁRIO FINAL E SEMINÁRIO TESTE

Foi sugerido aos alunos que se dividissem em duplas ou trios para a organização dos seminários. Houve sugestão também de temas para o trabalho, porém, a escolha ficou de forma livre, pois os estudantes têm autonomia para pesquisarem assuntos mais relacionados com seus interesses.

Depois de muita conversa, assim ficou a divisão da sala: um aluno apresentará sozinho e o tema será “Drogas”, um grupo com dois alunos com o tema “Doenças sexualmente transmissíveis”, dois grupos com três alunos em cada um com os temas “Depressão na adolescência” e “Trabalho escravo e infantil”. Os alunos tiveram 15 dias para a organização dos seminários finais.

Com relação ao seminário teste, retomamos aqui as ideias de Schneuwly e Dolz (2011), pois os autores sugerem que os alunos realizem uma primeira exposição com uma apresentação mínima sobre o tema que já dominam, ou sobre um mesmo tema elaborado por toda a classe. Para esses estudiosos, a apresentação da situação não deve desembocar necessariamente em uma produção inicial completa. Somente a produção final constitui, bem frequentemente, a situação real, em toda sua riqueza e complexidade. Deve-se simplificar a produção inicial. A apresentação deve ser somente dirigida à turma, ou, ainda, a um destinatário fictício.

Perguntamos aos alunos quem gostaria de participar, sem acréscimo de nota à unidade, do seminário teste sobre o tema feminismo, pois já era um assunto conhecido por eles. Dois estudantes quiseram apresentar o tema. Eles optaram por *slides* e sozinhos montaram o trabalho. A exposição foi gravada tornando o texto oral observável pela turma. Nessa parte, trabalhamos mais com a *elocutio*, já que o objetivo era a construção linguística do discurso.

O seminário teste não teve o êxito esperado porque, mesmo marcado com muita antecedência e tendo sido explicada a sua importância para os alunos, só assistiram à aula nesse dia duas estudantes. O *datashow* da escola não funcionou na ocasião e os alunos tiveram que apresentar os *slides* no computador da professora.

No final da apresentação, discutimos sobre os acertos e o que podia ser melhorado nas próximas apresentações. Notamos que a maior falha foi o pouco domínio do conteúdo exposto. O assunto merecia ter sido estudado mais, pois mesmo sendo um assunto conhecido da turma, o foco foi outro e deveria ter sido melhor explanado para que os expositores passassem confiança na exposição. Parabenizamos os alunos pela boa produção dos *slides*. Os expositores concordaram que é essencial o domínio do conteúdo e que falharam mesmo nesse quesito, também falaram da falta que fez o *datashow* e da vergonha porque estavam sendo filmados.

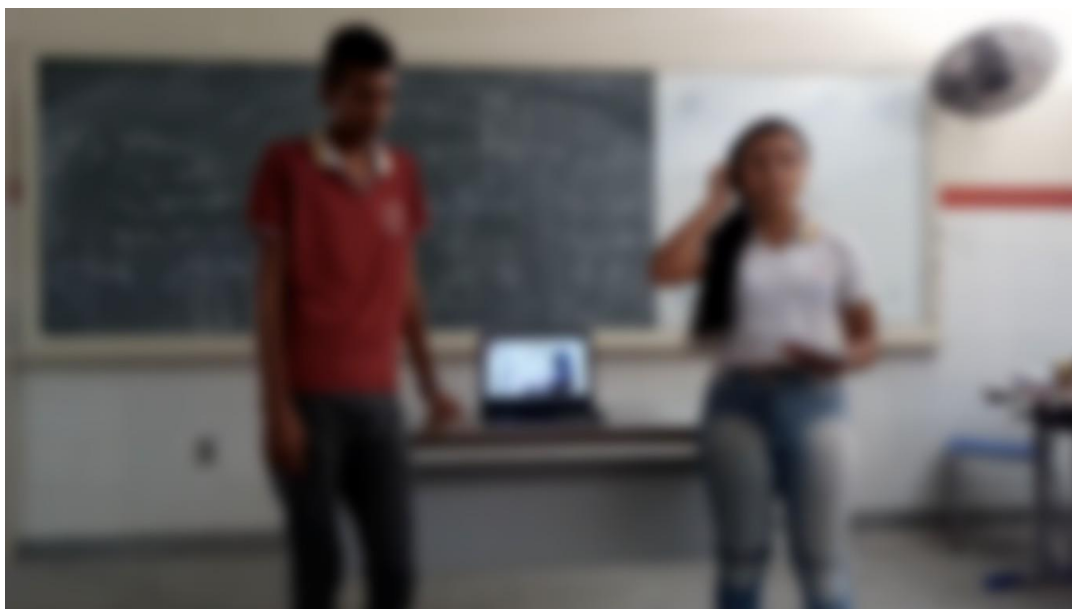


Imagem 5 – Seminário teste 7ª etapa.

6.2.8 8ª etapa

APRESENTAÇÃO FINAL E ANÁLISE DOS SEMINÁRIOS

Dois dias antes da nossa última etapa, assistimos ao vídeo do ex-governador, que na época do discurso era prefeito de Aracaju, Marcelo Deda², falecido em 02 de dezembro de 2013. Esse vídeo traz uma mensagem de final de ano para a população aracajuana e foi proferido em

² Disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=aGO4LWQr6jM>.

29 de dezembro de 2001. O intuito em mostrar esse material para os alunos foi discutir mais a posição do *ethos* para o auditório. Foi discutido o bem falar atrelado ao bom conteúdo. Enfatizamos os gestos, o olhar, a dicção e o conteúdo exposto com clareza e objetividade.

As apresentações foram marcadas com antecedência e tiveram a seguinte ordem:

- 1) Tema: Trabalho escravo e infantil
- 2) Tema: Depressão na adolescência
- 3) Tema: Infecções Sexualmente Transmissíveis

O aluno que, no início das atividades, disse que não iria apresentar, refletiu sobre o assunto e pensou em expor o tema das drogas, porém, desistiu alegando que não se sentia à vontade para falar em público. É um estudante que não cumpre nenhuma atividade passada para casa, produz as tarefas de sala após muita conversa de conscientização e sai muito da sala nos horários de aula, entretanto, no dia das exposições, assistiu aos três seminários e mostrou-se interessado pelas apresentações dos colegas. A nota da unidade desse aluno foi composta pela participação e produção nas outras etapas e por prova de interpretação de texto.

Vale ressaltar que a professora pesquisadora não se envolveu na produção dos seminários, deixando a responsabilidade de organização das etapas somente para os alunos. O intuito deste procedimento foi saber se os alunos utilizariam as explicações que foram dadas para cada parte que compõe as exposições.

ANÁLISE DA APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO DO PRIMEIRO GRUPO TEMA: TRABALHO ESCRAVO E INFANTIL

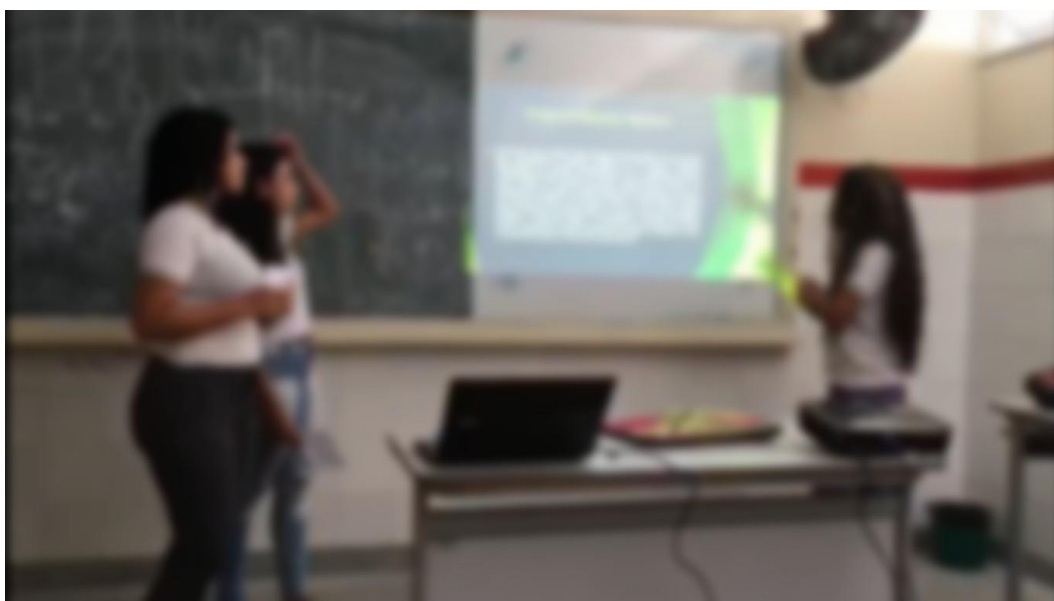


Imagem 6 – Seminário do primeiro grupo.

Como já dissemos anteriormente, os autores Dolz e Schneuwly (2011) explicam que para uma melhor organização, a exposição deverá ser ordenada em partes e subpartes, e a primeira delas é a fase de abertura. Essa organização, na retórica, faz parte da *dispositio*.

O primeiro grupo iniciou muito bem a apresentação. Apesar do grande nervosismo, nenhum componente esqueceu de se definir como especialista. Saudaram o público e expuseram sobre qual tema pesquisaram. Notamos esse tipo de abertura também nos outros dois grupos:

meu nome é ... eu vim apresentar meu seminário cujo nome é trabalho escravo.
 meu nome é ... eu vim falar de trabalho escravo no Brasil
 meu nome é ... bom dia a todos

Percebemos, em relação ao trabalho com a *inventio*, no entanto, que não houve uma busca detalhada de argumentos. Para reunir os melhores argumentos é fundamental conhecer bem o assunto explanado e os estudantes não mostraram domínio sobre o conteúdo. O ideal seria que tivessem feito as pesquisas, estudado o que já tinham em mãos e depois novas pesquisas deveriam ser feitas para melhorar os argumentos, bem como encontrar citações que confirmassem o que estava escrito nos *slides* ou sendo dito. Concluímos, a partir disso, que a consciência para a importância da pesquisa e do estudo para o domínio do conteúdo deve ser mais trabalhada em sala de aula.

Apesar de terem demonstrado que não estudaram o suficiente sobre o conteúdo da apresentação, duas alunas fizeram um bom trabalho com a *elocutio* no momento em que tentaram ir além da escrita dos *slides* e formularam sua própria opinião sobre o assunto, exprimindo-a de maneira simples, porém clara, com firmeza e adequada ao público.

Uma das estudantes começou a apresentação fazendo uma pergunta ao público: “O que é trabalho escravo para vocês?”. Ótima estratégia para aproximar o auditório; porém, não houve uma continuidade desse diálogo e as estudantes prenderam-se aos *slides* logo em seguida. O trabalho com a *elocutio* ficou evidente quando uma das discentes retomou o conteúdo lido do slide e o parafraseou, buscando explicar de forma mais simples, para deixar claro o sentido para o resto da turma, que ela aproxima por meio do uso de “você(s)”:

“o que ele quis dizer... é que o trabalho escravo... vou dar dois tipos a vocês... tem o trabalho escravo assim que tem subminério... é de carvão e também o que... não sei se vocês viram passando a reportagem no Fantástico... que as pessoas vendem pessoas humanas... entendeu... para poder se vender em outro país que ele nem sabia que existia... entendeu... o trabalho escravo... ele tem aquele ali que tá falando exaustivo e pode ter risco para a sua vida e pra sua saúde... porque ali você tá trabalhando... tá dando o seu esforço... o melhor de si e o pior não tem condições... é como vou dizer pra vocês... não têm condições perfeitas... você come mal... tem lugar nojento de dormir... se brincar você dorme até no chão ou em cima de um papelão... alguma coisa assim... o alimento péssimo... entendeu... e você ali no seu trabalho... você não pode parar para conversar... Se você tentar fugir você morre... entendeu. É isso aí gente... o trabalho escravo... sei lá... ele é um crime... entendeu.”

Além dos marcadores conversacionais “é”, “entendeu”, dentro outros, e das pausas, que dão um ar de diálogo à apresentação, em muitos momentos, os oradores utilizaram alguns recursos não-verbais, como movimentos do olhar, a gestualidade e o sorriso para interagir com a plateia, porém, continuaram demonstrando muito nervosismo.

O destaque para este grupo, e que foi alvo de comentários do auditório, foi a performance de umas das participantes. A aluna fez um bom uso da *actio* e conseguiu através da voz e dos gestos atingir o público. Ela se movimentava e gesticulava de uma maneira tão marcante que foi bem ouvida pelos colegas. A aluna demonstrou preocupação com o *ethos*, já que cuidou da atitude corporal, do tom de voz, ou seja, mostrou consciência da situação de comunicação que uma exposição oral exige. A construção do *ethos* nas outras alunas deste grupo e nos demais grupos não teve o êxito esperado. Esperávamos que os alunos demonstrassem mais confiança, porém, o *ethos* desenvolvido por eles no momento da apresentação demonstrou muito nervosismo. Não trabalharam o olhar para com o auditório e nem usaram as técnicas, expostas pelo professor Anderson Gois, que podem ajudar a amenizar o nervosismo na hora de exposições em público.



Imagem 7 – A primeira aluna da esquerda foi a que apresentou melhor desenvoltura.

No final da apresentação, foi debatida a condição atual da maioria dos trabalhadores. Falamos sobre o valor do salário-mínimo e se esse mínimo nos dá condições de viver com dignidade. Discutimos também sobre os trabalhadores rurais, sobre os catadores, sobre as condições que o governo atual quer que tenhamos. Com relação ao trabalho infantil, a discussão foi em torno das muitas crianças exploradas nos próprios lares com os afazeres domésticos, nos sinais de trânsito, em novelas e propagandas. Os estudantes disseram que as crianças devem ajudar nas tarefas domésticas, o que é diferente de serem exploradas.

ANÁLISE DA APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO DO SEGUNDO GRUPO TEMA: DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA

O segundo grupo foi o que mais chamou a atenção com relação à negligência do trabalho com a *inventio*. Percebeu-se que as alunas foram as que menos pesquisaram. As explicações ficaram totalmente presas à leitura dos *slides*, prejudicando a exposição, porque não houve fala própria de nenhuma das oradoras do que estava sendo lido. As participantes deveriam ter seguido as orientações debatidas em sala de aula e poderiam ter realizado uma pesquisa para se familiarizar com o assunto, em seguida, uma outra busca, à procura de argumentos que chamassem a atenção da plateia. Também poderiam ter seguido a orientação da importância do resumo para uma boa apresentação.



Imagem 8 – Seminário do segundo grupo.

Em todos os grupos verificamos a dificuldade em leitura, com isso, as exposições foram prejudicadas, visto que não houve fluência, e até capacidade de decodificação, ao ler os *slides* ou o resumo que seguravam, o que mostra um problema grave, que não discutiremos aqui, mas que, com certeza, dificulta o ensino de gêneros e atividades mais complexas. A primeira participante deste segundo grupo foi a que mais dificuldade apresentou e, ao realizar a leitura dos *slides*, fez a troca de muitas palavras: no lugar de ler “suicídio” leu “homicídio.”; “amigos próximos” virou “amigos ao próximo”; “a depressão na adolescência tem cura” transformou-se em “a depressão são adolescentes que curam”.

Para essa turma, deve ser feito um trabalho maior que envolva a leitura, já que os estudantes não mostraram dificuldade somente por conta do nervosismo, eles realmente não conseguem ler fluentemente no cotidiano escolar.

Um caracterizador vocal que apareceu na apresentação desse grupo foi o riso. Esse recurso, quando usado para descontrair, desfazendo um pouco a formalidade do evento e aproximando orador e auditório é muito bom, e se encaixa na *elocutio* e na *actio*, no entanto, o riso, da forma como apareceu nessa exposição, gera um efeito negativo, visto que enaltece o nervosismo e a insegurança dos participantes, e desvia a atenção do trabalho para os apresentadores.

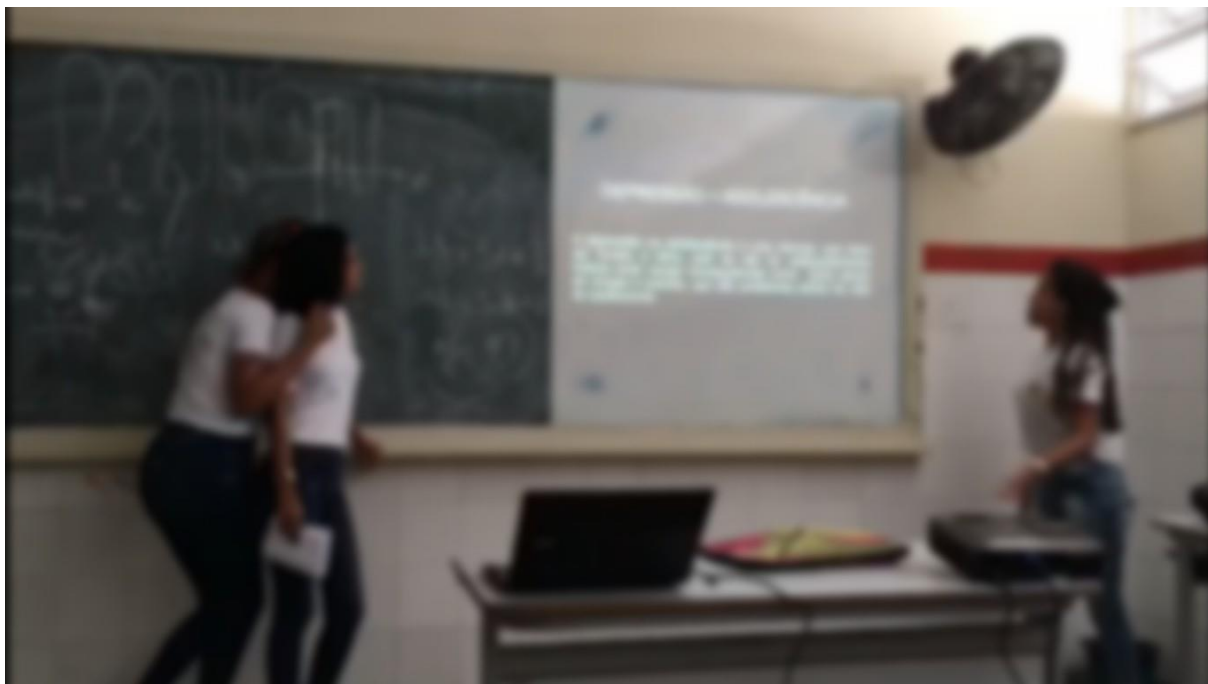


Imagem 9 – Momento do seminário em que o riso aparece como elemento negativo.

A última participante da equipe apresentou um exemplo como argumento. Como dito anteriormente, essa estratégia, quando bem usada, é um artifício eficaz para a persuasão, porém, ficou presa à leitura do papel, por isso nem todos se interessaram em ouvir o relato.

“Eu irei falar sobre uma experiência de uma jovem... irei ler o papel, mas me expressei com minhas próprias palavras.”
 “Conheço uma jovem... que teve depressão na adolescência no ano de 2017. Uma caso recente.”

Os alunos começaram a fazer perguntas à aluna que contou o fato e também relataram outros que tinham conhecimento. Debates a respeito do olhar atento que devemos ter para com o outro a fim de detectar também um caso de depressão. Enfatizamos o fato de que a exposição depreciativa do outro pode levar essa pessoa a ter depressão e que ninguém merece ser desrespeitado.

Com relação aos aspectos não linguísticos da *actio*, não foram bem explorados, visto que os componentes que já tinham falado ou que esperavam a hora para falar, ficaram, em alguns momentos, de costas para o auditório, o que diminui a eficácia persuasiva de uma apresentação oral, pois influencia também na compreensão da fala.

ANÁLISE DA APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO DO TERCEIRO GRUPO
TEMA: DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

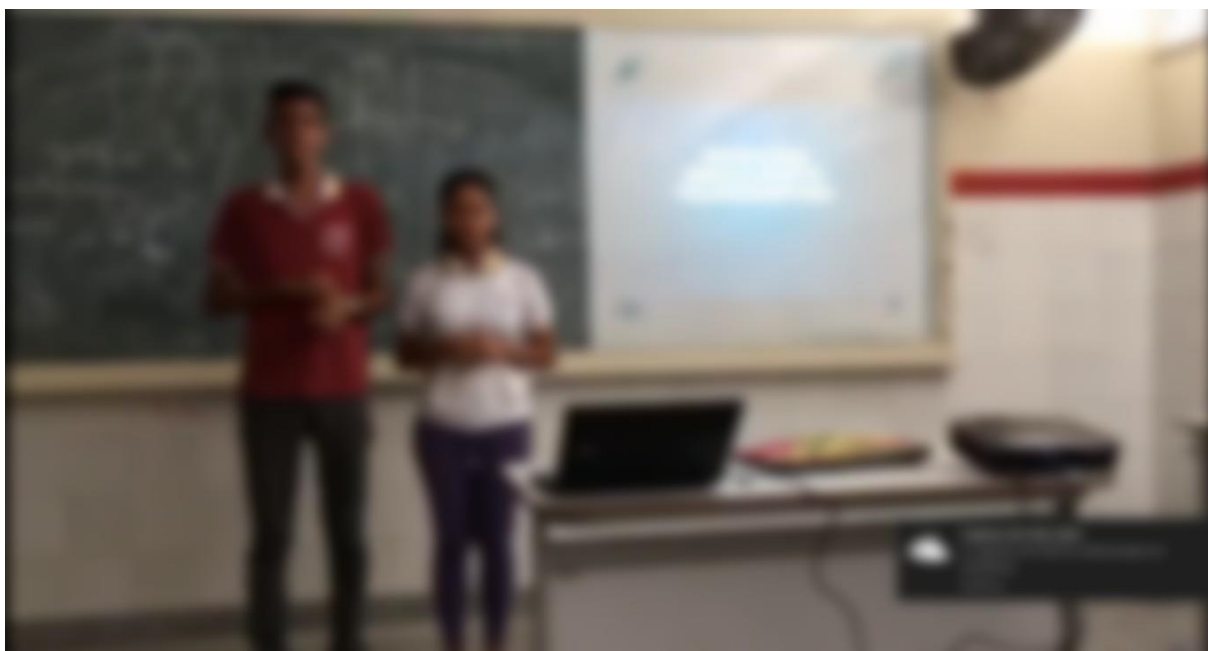


Imagem 10 – Seminário do terceiro grupo.

Dois alunos ficaram responsáveis pelo seminário do terceiro grupo, entretanto, na hora da exposição, um dos participantes ficou muito nervoso e se negou a expor. Uma discente do primeiro grupo se ofereceu para ajudar o colega com o intuito de que ele também não desistisse da apresentação. Com isso, houve muito improviso na divisão da leitura dos *slides* e no final do seminário.

Chamou-nos atenção, nesse grupo, o trabalho com a *dispositio*, visto que os alunos tiveram a preocupação de iniciar os assuntos com as imagens. Essa organização foi eficiente, pois o auditório não desgrudava o olhar da tela e acompanhou a passagem de todos os *slides*. O trabalho com a *elocutio* não foi bem desenvolvido, visto que os participantes também ficaram presos à leitura dos *slides* e não deram ênfase ao trabalho com a linguagem.

A *actio*, prendeu-se aos *slides*. Esses continham imagens com figuras e cores marcantes. Notamos que, com relação aos aspectos não linguísticos, o olhar foi direcionado para a plateia, porém, faltou mais desenvoltura dos participantes.

O assunto mais debatido foi o deste grupo. Os estudantes pediram para olhar novamente as imagens e foram questionando sobre a situação das pessoas que são infectadas. Também frsaram a respeito da necessidade do uso da camisinha, mas disseram o quanto é difícil usar, já

que os parceiros não permitem. Afirmaram que agora sabem da importância de procurar ajuda médica no início de qualquer problema relacionado às infecções sexualmente transmissíveis.

Com relação a todos os grupos, é importante frisar que o pouco que esses alunos conseguiram utilizar na organização dos seminários é de grande proporção para eles, pois mesmo com quase nenhuma experiência de apresentação em público de forma didática, sem nunca terem feito *slides*, com muita dificuldade de fazerem pesquisas, eles se comprometeram com o projeto e elaboraram suas apresentações com entusiasmo.

Notamos que foi formada nos estudantes a conscientização de que cada etapa de preparação é fundamental para se chegar a uma boa exposição, pois eles próprios afirmaram, no final dos seminários, que ainda precisam melhorar muito, uma vez que não dominam o gênero em questão com tudo que ele demanda para ser bem executado. Esses estudantes precisam vivenciar mais situações em que o gênero oral formal seja trabalhado de maneira didática, pois só assim dominarão essa modalidade da língua.

Para esta turma, a sequência didática deve ser refeita, acrescentando mais atividades em todas as etapas. Esses alunos precisam de mais atenção no campo da leitura e escrita a fim de que façam resumos melhores, precisam vivenciar mais práticas de apresentação em público para melhor trabalharem os aspectos não linguísticos, precisam ser mais envolvidos nas atividades que contemplem a argumentação de maneira sistemática, e precisam estar cientes da importância do desenvolvimento das quatro etapas fundamentais no discurso persuasivo: *inventio, dispositio, elocutio, actio*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário e percebe-se ser possível dinamizar as aulas de Língua Portuguesa com um trabalho planejado que contemple, durante o ano e com a mesma importância, a escrita e a oralidade. Devido aos vários empecilhos que existem no sistema educacional e com problemas como as dificuldades dos alunos em leitura e compreensão de textos, a tarefa não é fácil, entretanto, podemos começar com mudanças que enriqueçam e transformem o nosso trabalho como fizemos com o gênero seminário.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 20 de dezembro de 2017, pelo ministro da Educação, Mendonça Filho, define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Com relação às habilidades, nos anos finais do ensino Fundamental, esse documento ratifica a importância do nosso trabalho quando orienta que nossos estudantes devem ser capazes de

Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, por meio do encadeamento de temas e subtemas (coesão temática), síntese final e/ou conclusão, encerramento –, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que, em geral, devem ser minimizadas –, modulação de voz e entonação, ritmo, respiração etc.) e cinésicos (tais como: postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, modulação de voz e entonação, sincronia da fala com ferramenta de apoio etc.), para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento. (BNCC, 2017, p. 153)

Alcançamos nosso propósito de trabalhar de forma planejada a oralidade na sala de aula quando escolhemos o gênero discursivo seminário e organizamos todas as etapas que o compõem. Apesar das grandes dificuldades e limitações existentes na turma com a qual trabalhamos, pode-se perceber que o objetivo em discutir a inserção dos elementos estruturais do gênero discursivo seminário como objeto de ensino, nas aulas de Língua Portuguesa, teve êxito. Ao gênero seminário, devemos sim dedicar uma parte de nosso planejamento, porque é um instrumento que funciona como mediador fundamental no desenvolvimento de habilidades diversas em contextos formais dentro e fora do ambiente escolar.

Observou-se que, no seminário, a construção de significados só pode ser construída se atentamos para uma série de elementos como a oralidade, a escrita, o domínio do conteúdo, gestos, imagem, entre outros. Logo, tudo que envolva a realização de boas apresentações deverá

ter espaço na sala de aula. Não podemos avaliar o todo sem dar atenção às partes que o compõem.

Por conta disso, na nossa proposta de ensino do gênero seminário, o trabalho com a retórica, envolvendo o desenvolvimento das diferentes partes do discurso persuasivo e da argumentação, também foi uma de nossas preocupações. Embora esse gênero não se classifique como argumentativo, o aluno pode conhecer, discutir, formar e modificar opiniões próprias sobre diversos assuntos, como também deve estar preparado para influenciar coerentemente as pessoas com quem realiza o ato linguístico.

Como estamos diante de um gênero que ultrapassa os limites da área de Língua Portuguesa, o trabalho interdisciplinar com os professores convidados nos trouxe ânimo e a certeza de que a educação, quando trabalhada em conjunto, floresce com mais eficiência.

Os alunos participantes do projeto dedicaram-se mais à etapa da elaboração de *slides* e as demais tarefas foram feitas devido à motivação da professora com incentivos, explicando a importância das atividades ou, muitas vezes, pontuando as tarefas concluídas. Percebemos que mesmo após todas as intervenções realizadas, os discentes conseguiram pouco domínio do gênero, assim, mostrando-nos que esse trabalho da exposição oral deve mesmo começar nas séries da educação infantil e permanecer até a conclusão do ensino médio.

Ao término de cada etapa realizada, foram pontuadas as falhas e enaltecidos a coragem e acertos dos alunos. Mesmo reconhecendo o quanto precisam melhorar, esses estudantes saíram vitoriosos e felizes com o trabalho, porque reconheceram que são capazes de realizar tarefas que envolvem o domínio de conteúdo, a tomada de posição e o falar em público. São discentes que merecem todo o nosso reconhecimento, visto que deixaram a vontade de vencer ser maior de que as ideias prontas de não serem capazes de superar as limitações. Cabe aos educadores estimular práticas que enalteçam a capacidade desses alunos de indivíduos realizadores.

É de extrema importância a formação continuada de docentes para um trabalho de qualidade que realmente modifique a educação, por isso, afirmamos que, na área de Língua Portuguesa, a contribuição do Mestrado Profissional, por meio do Profletras, traz contribuições extremamente relevantes para transformar o nosso alunado em cidadãos modificadores da realidade com a qual convivem, pois é um trabalho com ênfase nas habilidades de leitura e escrita, envolvendo debates, modificando o olhar do docente para a sua prática e trazendo possibilidades reais de mudanças significativas.

A prática docente deve ter como objetivo a transformação do aluno em um cidadão participativo, modificador do contexto no qual está inserido. Acreditamos que trabalhando o

seminário como objeto de ensino estamos contribuindo para esse fim, visto que esse gênero favorece o crescimento da autoestima do aluno, pois dá credibilidade e autonomia ao estudante na realização das tarefas. O aluno aprende a importância da sua voz e o respeito para com a palavra do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação Verbal**. Trad. De Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais tipificação e Interação**. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chamblis Hoffnagel (orgs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira et al. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

_____. C. **Retórica da ação letrada**. Tradução: Adail Sobral, Angela Dionisio, Judith Chambliss Hoffnagel, Pietra Acunha. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Padrões de oralidade presentes na explicação de textos na sala de aula. **Linguagem & Ensino**, v. 1, n. 2, p. 27-38, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 04 fev. 2018.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Falar em público e convencer**: técnicas e habilidades. São Paulo: Contexto, 2016.

CAMARA Jr., J. Mattoso. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMPBELL, Karlyn Kohrs; HUXMAM, Susan Schultz; BURKHOLDER, THOMAS R. **Atos de retórica para pensar, falar e escrever criticamente**. 5ª edição norte-americana. 1ª edição brasileira. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

CUNHA, Antônio G. da. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

FÉLIX, Regina Lúcia. **O Gênero Exposição Oral**: descrição e análise de sua aplicação no contexto do ensino médio. Dissertação de Mestrado em Linguística na Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O Dicionário da Língua Portuguesa**; coordenação Marina Baird Ferreira. 8 ed. rev. Atual. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Maria Helena; VIEIRA, Mauricéia Silva de Paula. **Gêneros textuais e discursivos**: guia de estudos. Lavras/ MG: UFLA, 2013.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, escrita e poder**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Linguagem).

KAIL, MICHÈLE - **Aquisição de linguagem**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.); Marcuschi, Antônio Luiz. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LIBERALI, Fernanda Coelho; DAMIANOVIC, Maria Cristina; NININ, Maria Otilia Guimarães; MATEUS, Eliane; GUERRA, Mônica (Orgs). **Argumentação em contexto escolar**: Relatos de pesquisa. São Paulo: Pontes, 2016.

LOPES-ROSSI, M. A. G. A Produção Escrita de Gêneros Discursivos em Sala de Aula: Aspectos Teóricos e Sequência Didática. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 15/3 (esp), p. 223-245, dez. 2012.

_____. M. A. G. Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita. **Revista Intercâmbio**, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP., 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 11ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MACHADO, Irene. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.), **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010. p. 151-166.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. O ensino da argumentação na Antiguidade e em um livro didático atual. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 3, p. 104-106, nov. 2012.

MEURER, J. L; BONINI, Adair; ROTH, DÉsirÉE MOTTA (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MEYER, Bernard. **A arte de argumentar**: com exercícios corrigidos. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retórica e Argumentação em Práticas Sociais Discursivas**. Coimbra: Grácio, 2016.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: histórias, teorias, perspectivas. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIBEIRO, Roziane Marinho. A construção da argumentação oral no contexto de ensino. São Paulo: Cortez, 2009.

ROIPHE, Alberto; Fernandes, Marcela Afonso. **Gêneros textuais**: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

ROJO, Roxane H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

VIEIRA, A. R. F. **O seminário**: um evento de letramento escolar. Dissertação de Mestrado em Linguística na Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

ANEXOS

Anexo A – Questionário

Para melhor conduzir o meu projeto “**GÊNERO DISCURSIVO SEMINÁRIO: UM OBJETO DE ENSINO**”, na área de Língua Portuguesa, solicito a sua contribuição ao responder o questionário abaixo. As respostas serão analisadas para que se verifique o que vocês pensam a respeito do gênero seminário e poderão ser divulgadas, porém, sem exposição de seu nome. Desde já, muito obrigada pela sua contribuição, você é a parte principal desse projeto.

- 1) Os professores pedem que vocês apresentem trabalhos em sala?

- 2) Podemos chamar a essas apresentações de seminários?

- 3) Os professores usam mais qual nomenclatura: apresentação de trabalho, exposição ou seminário?

- 4) Vocês conseguem visualizar diferenças entre essas nomenclaturas?

- 5) Em quais matérias vocês apresentam mais seminários?

- 6) A preparação de um trabalho assim é cansativa? Justifique a sua resposta.

7) Vocês preferem se dedicar às provas tradicionais ou aos seminários? Justifique.

8) Vocês acham que aprendem mais com as aulas, com o estudo para a realização das provas ou com as pesquisas para apresentação de trabalhos (seminários)? Por quê?

9) Como podemos melhorar nossas exposições de trabalho?

10) Como os docentes podem ajudar nessa elaboração?

11) Como podemos definir o gênero seminário?

Anexo B – Texto O que é feminismo?

Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

O "embrião" do movimento feminista surgiu na Europa em meados do século XIX, como uma consequência dos ideais propostos pela Revolução Francesa, que tinha como lema a "Igualdade, Liberdade e Fraternidade". As mulheres queriam estar inseridas no turbilhão de mudanças sociais que estas revoluções traziam, principalmente para se sentirem mais cidadãs em uma sociedade historicamente regida pelo patriarquismo.

No entanto, o feminismo só começou a se popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX, questionando o poder social, político e econômico monopolizado pelos homens. O feminismo, como muitos pensam erroneamente, não é um movimento de sexista, ou seja, que defende a figura feminino sobre o masculino, mas sim uma luta pela igualdade entre ambos os gêneros.

Atualmente, não são apenas as mulheres que se intitulam ou compartilham de pensamentos feministas - assim como existem muitas que também apoiam o esquema de uma sociedade machista - alguns homens, que se sentem "pressionados" ou incomodados com as "regras de comportamento social do machismo", partilham da mesma visão de liberdade e direitos igualitários entre os sexos.

Um dos símbolos que impulsionou o feminismo em meados da década de 1960 foi a publicação do livro "O Segundo Sexo", da escritora feminista francesa Simone de Beauvoir, que desconstruiu a imagem de que a "hierarquização dos sexos" seria uma questão biológica, mas sim unicamente o fruto de uma construção social pautada em séculos de regimes patriarcais.

A partir deste período, começa a se disseminar o chamado Feminismo Radical, uma ramificação do pensamento feminista que acredita só ser possível "exterminar" o machismo com uma revolução profunda e geral, eliminando os regimes patriarcais. As feministas radicais ainda acreditam ser necessárias mudanças na legislação dos países, criando leis de proteção ao gênero feminino, por exemplo.

Feminismo e Femismo

Feminismo e femismo possuem significados completamente diferentes. O feminismo é um movimento social de "quebra" da hierarquização dos sexos, do sexismo e do machismo, reivindicando igualdade de direitos entre homens e mulheres.

O femismo, por sua vez, pode ser considerado o sinônimo do machismo (ao mesmo tempo que é seu oposto), pois trata-se de uma ideologia de superioridade da mulher sobre o homem. O femismo, assim como o machismo, prega a construção de uma sociedade hierarquizada a partir do gênero sexual; baseada em um regime matriarcal.

Feminismo e Machismo

Ao contrário do que prega o machismo, como um movimento de repressão e repúdio aos direitos igualitários entre homens e mulheres, o feminismo funciona não como uma tentativa de sobrepor o "poder feminino" sobre o masculino, mas sim de lutar pela igualdade entre mulheres e homens em todos os setores da sociedade.

Feminismo no Brasil

O movimento feminista no Brasil começou a tomar corpo no começo do século XX, mais precisamente entre as décadas de 1930 e 1940.

A estrutura familiar e social do brasileiro era totalmente construída sobre a figura do homem; um regime patriarcal. O feminismo no país surgiu, assim como em outros cantos do mundo, como uma tentativa de inserir a mulher brasileira na sociedade, dando voz e expressão às suas necessidades.

Um dos grandes marcos do movimento feminista no Brasil foi a conquista do direito ao voto nas eleições, que aconteceu em 1932 com o decreto 21.076 do Código Eleitoral Provisório, durante o governo do presidente Getúlio Vargas. No entanto, só tinham permissão para votar as mulheres casadas (com autorização do marido), solteiras e viúvas que tivessem renda própria.

Em 1934 terminaram as restrições do voto feminino, mas o voto foi considerado um dever exclusivamente masculino até 1946, quando se tornou obrigatório também para as mulheres.

Fonte: www.significados.com.br/feminismo/

Anexo C – Letra da música *Respeita as mina*, de Kell Smith

Short, esmalte, saia, mini blusa
Brinco, bota de camurça, e o batom? tá combinando!
Uma deusa, louca, feiticeira, alma de guerreira
Sabe que sabe e já chega sambando
Calça o tênis, se tiver afim, toda toda
Swag, do hip hop ao reggae
Não faço pra buscar aprovação alheia
Se fosse pra te agradar a coisa tava feia
Então mais atenção, com a sua opinião
Quem entendeu levanta a mão
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras
Nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser
Sim respeito é bom bom
Flores também são mas não quando são dadas
Só no dia 08 03
Comemoração não é bem a questão
Dá uma segurada e aprende
Outra vez saio e gasto um din, sou feliz assim
Me viro ganho menos e não perco um rolezin
Cê fica em choque por saber
Que eu não sou submissa
E quando eu tenho voz cê grita: "ah lá a feminista! "
Não aguenta pressão arruma confusão
Para que tá feio irmão!
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser
Não leva na maldade não
Não lutamos por inversão

Igualdade é o " x " da questão, então aumenta o som!
Em nome das marias, quitérias, da penha silva
Empoderadas, revolucionárias
Ativistas, deixem nossas meninas serem super heroínas!
Pra que nasça uma joana d'arc por dia!
Como diria frida: "eu não me kahlo! "
Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo
O grito antes preso na garganta já não me consome
É pra acabar com o machismo
E não pra aniquilar os homens
Quero andar sozinha porque a escolha é minha
Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina
Que possa soar bem, correr como uma menina
Jogar como uma menina
Dirigir como menina, ter a força de uma menina
Se não for por mim, mude por sua mãe ou filha!
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de se.

Anexo D – Resumos de textos dos alunos

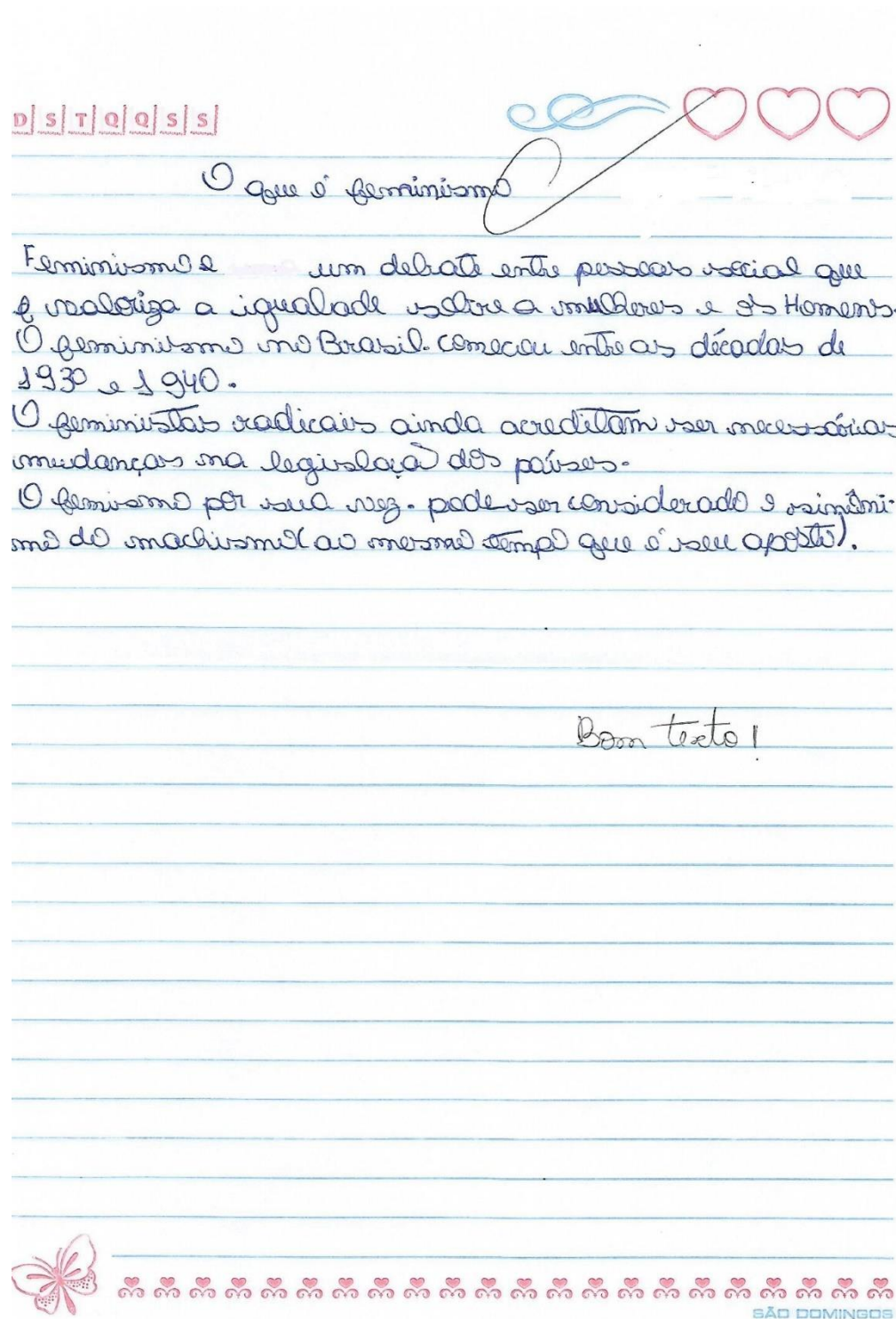
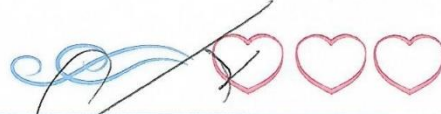


Imagem 11 – Resumo 1.

D S T Q Q S S



O que é Feminismo

Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

O movimento feminista surgiu na Europa em meados do século XIX, como uma consequência das ideias propostas pela Revolução Francesa, que tinha como lema a igualdade, liberdade e fraternidade.

No entanto, o feminismo só começou a se popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX. O feminismo, como muitos pensam erroneamente, não é um movimento de racista.

Um dos símbolos que impulsionou o feminismo em meados da década de 1960 foi a publicação do livro "O Segundo Sexo", da escritora feminista francesa Simone de Beauvoir, que desconstruiu a imagem de que a "hierarquização dos sexos" seria uma questão biológica, mas sim unicamente o fruto de uma construção social pautada em séculos de regimes patriarcais.

Os feministas radicais ainda acreditam ser necessárias mudanças na legislação dos países. Quando leis de proteção ao gênero feminino por exemplo.

O feminismo é um movimento social de "quebra" da hierarquização dos sexos, do racismo e do machismo, reivindicando igualdade de entre homens e mulheres.



SAO DOMINGOS



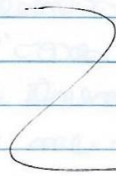
D S T Q Q S S

O feminismo, por sua vez, pode ser considerado o contrário do machismo (ao mesmo tempo que é seu oposto), pois trata-se de uma ideologia de superioridade da mulher sobre o homem.

Feminismo no Brasil: O movimento no Brasil começou a tomar corpo no começo do século XX, mais precisamente entre as décadas de 1930 e 1940.

Em 1934 terminaram as restrições do voto feminino. Mas o voto foi considerado um direito exclusivamente masculino até 1946, quando se tornou obrigatório também para mulheres.

WWW. significados.com.br/ feminismo/



Parabéns!

Amei o seu resumo.

SÃO DOMINGOS



Imagem 13 – Continuação do resumo 2.

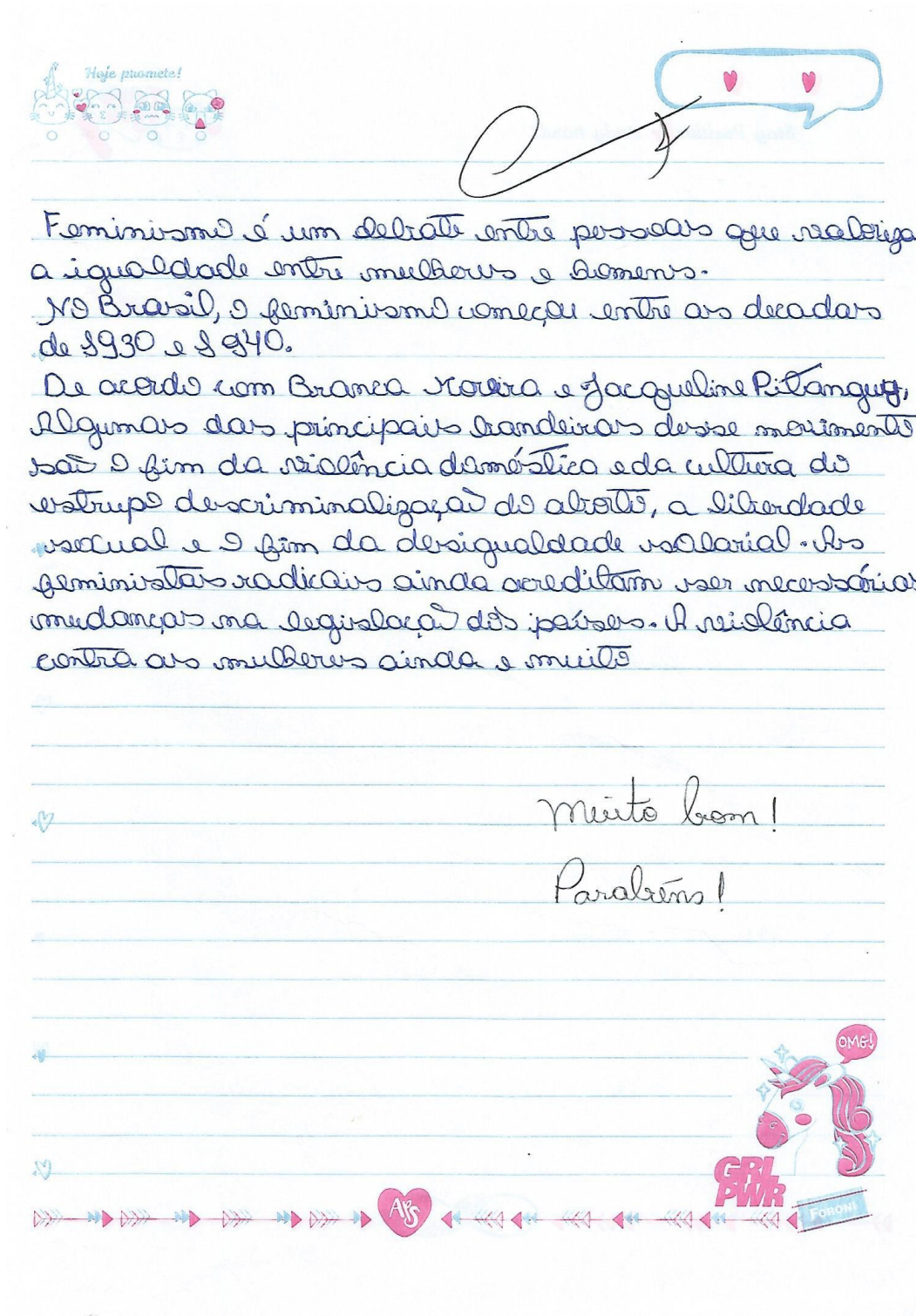


Imagem 14 – Resumo 3.

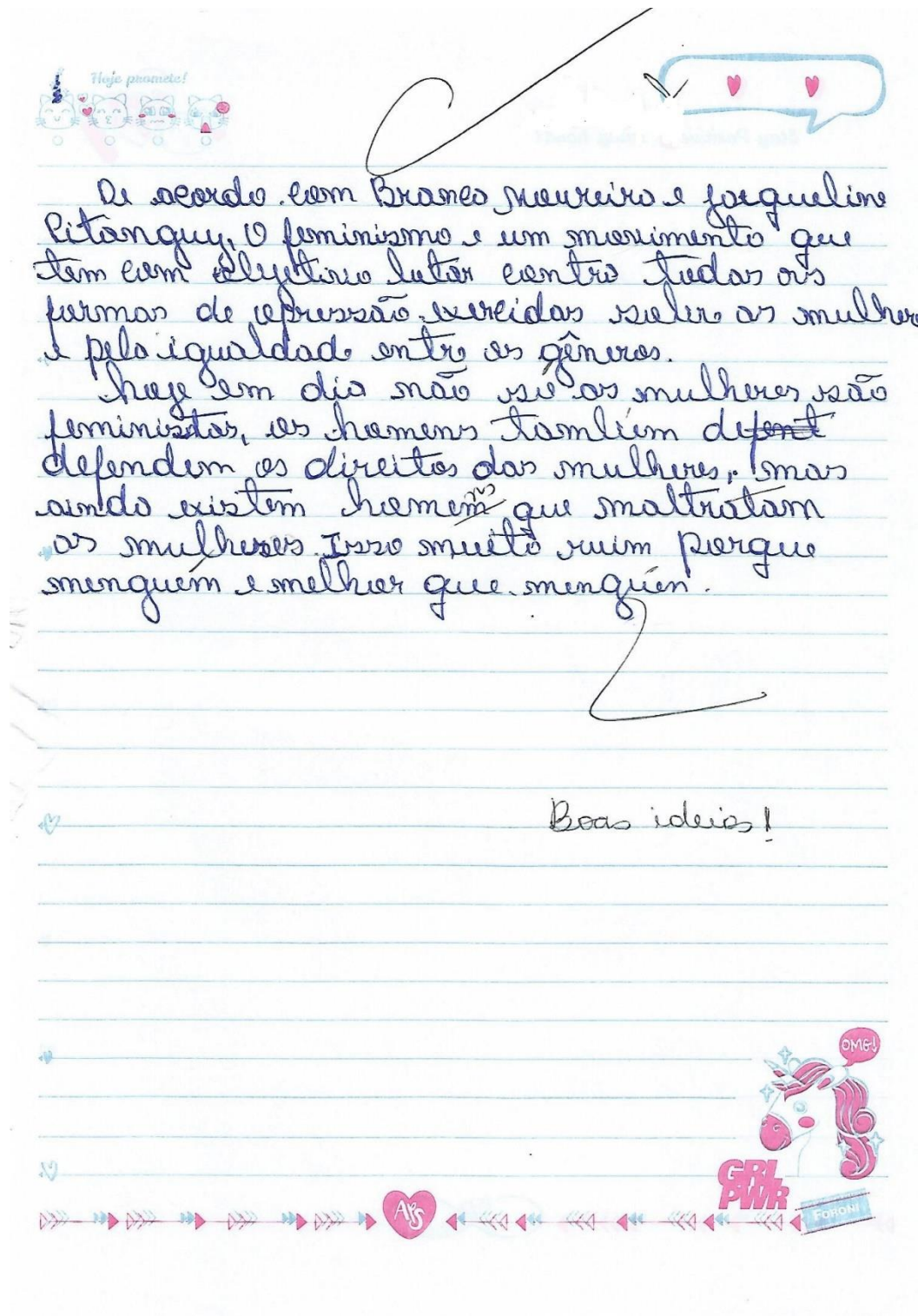
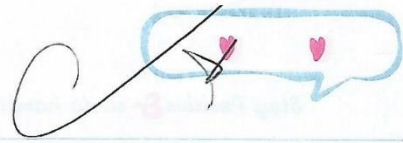


Imagem 15 – Resumo 4.



Esomismo é pressuem um significado comple-
tamente diferente e. hierarquização dos sexos
e também tem homens que quer ser muito
feminismo sem ser e atualmente não são
apenas as mulheres que se intitulam ou
compartilham os pensamentos feministas.

Suas ideias são boas, porém,
precisamos ver alguns pontos.

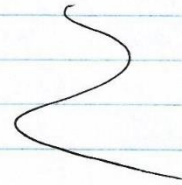


Imagem 16 – Resumo 5.



06 ♥ 12 ♥ 14

O que é Feminismo.

O embrião do movimento feminista surgiu na Europa em meados do século XIX, como uma consequência dos ideais propostos pelo Renascimento francês. As mulheres queriam estar inseridas no trabalho de modo mais ativo que está sendo trazido principalmente para se sentirem mais cidadãs em uma sociedade historicamente regida pelo patriarquismo.

No entanto, o feminismo só começou a se popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX. O feminismo, como muitos pensam erroneamente, não é um movimento de sexo. Ou seja, que defende a figura feminina sobre o masculino, mas sim uma luta pela igualdade entre ambos os gêneros.

Atualmente, não são apenas as mulheres que se intitulam ou compartilham de pensamentos feministas - assim como existem muitos que também apreciam o esquema de uma sociedade machista - alguns homens que se sentem pressionados partilham do





Stay Positive & study hard!



mesmo nível de liberdade e direitos igualitários entre os sexos.

Um dos símbolos que impulsionou o feminismo em meados da década de 1960 foi a publicação do livro *O Segundo Sexo* do escritor feminista francês Simone de Beauvoir, que desmontou a hierarquização dos sexos.

A partir deste período, começa a se disseminar o chamado Feminismo Radical como ramificação do pensamento feminista que acredita ser possível exterminar o machismo com uma revolução profunda e geral.

Feminismo e fminismo possuem significados completamente diferentes. O feminismo é um movimento social de quebra da hierarquização dos sexos.

Gostei muito do seu resumo.



O Feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

Embora o movimento feminista surgiu na Europa em meados do século XIX, como consequência dos ideais propostos pela Revolução Francesa, que tinha como lema Igualdade, Liberdade e Fraternidade as mulheres queriam estar envolvidas nos trabalhos de mudanças sociais que estas revoluções traziam, principalmente para se sentirem mais cidadãs em uma sociedade historicamente regida pelo patriarquismo.

Atualmente, não são apenas as mulheres que se intitulam ou compartilham de pensamentos feministas - assim como existem muitos que também opõem o esquema de uma sociedade machista - alguns homens, que se sentem "prejudicados" ou incomodados com o "sugiro de comportamento social do machismo", compartilham da mesma visão de liberdade e direitos igualitários entre os sexos.

A partir deste período, começou a se disseminar o chamado Feminismo Radical, uma complicação de pensamentos feminista que acredita ser possível "exterminar" o machismo com uma revolução profunda e geral, eliminando os regimes patriarcais e as feministas radicais ainda acreditam ser necessários mudanças na legislação dos países criando leis de proteção ao gênero feminino.

O feminismo é um movimento social de "quebra" do sistema vigente dos sexos, do sexismo e do machismo, visando a total igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Ótimo resumo!
Parabéns!

credeal

2º Resumo

① Feminismo é o movimento que defende a igualdade de direitos das mulheres e homens.

As mulheres lutam para serem inseridas no trabalho mudando os valores que os caracterizam, principalmente para se sentirem mais incluídas com direito delas.

Nem todas as mulheres estão do lado do feminismo, existe muitas mulheres que estão do lado do machismo, quando se trata do feminismo não envolve as mulheres e sim homens, mas todas elas existe homens que se sentem incomodados com os traços de comportamento social do machismo.

Clarifique as suas ideias.

Gostei muito do seu pensamento.

credeal

As mulheres lutam para serem inseridas no mercado de trabalho social que as sociedades traziam, principalmente para se sentirem mais cidadãs um direito delas.

Segundo o site www.wiki.pt/pt/PE/D/A, feminismo é um conjunto de movimentos políticos, sociais, ideológicos e filosóficos que têm como objetivo comum: direitos equitativos (iguais) e uma estrutura humana por meio de empoderamento feminino e da libertação de padrões opressores patriarcais, baseados em normas de gênero.

Nem todas as mulheres estão do lado do feminismo, existem mulheres que estão do lado do machismo, quando se trata de feminismo não se trata de mulheres e sim homens, não são todos mais velhos homens que se sentem incomodados com o "regime de empoderamento social do machismo".

2

Ficou ótimo!

O Feminismo funciona como movimento político, que nós mulheres que sempre lutamos pela igualdade não pela superioridade, pena que existem muito machismo ainda tem coisas que nós e os com os, homens, mas existem mulheres machistas também que se contentam com esse tipo de coisa.

Horacio Santiago diz que Aprendem também que podemos ser quem nós quisermos, enfrentando as questões, sendo fortes com o apoio uns dos outros, assim como também podemos chorar e lamentar algumas vezes.

Mas o mais importante é que com o feminismo ela aprendeu a olhar pro si, cuidar do seu corpo e se amar do jeito que ela é, sem exigências e sem medo.

Bom mas isso um dia iremos mudar pode demorar mas iremos conseguir. Não apoio o jeito de algumas mulheres a maneira de protesto não apoio, Peto de fora e outras coisas absurdas acha que tudo deve ser conquistado com luto limpo e muito trabalho.
EU SOU PELA IGUALDADE.

Amei o seu texto!

libre

Anexo E – Termos de confidencialidade, de compromisso e de consentimento



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Gênero Discursivo Seminário: Um objeto de ensino

Pesquisador responsável: Alexandra Oliveira Monteiro

Orientador: Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Curado Pereira Mariano

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Local da coleta de dados: Escola Estadual 17 de Março

A pesquisadora do projeto “Gênero Discursivo Seminário: um objeto de ensino” se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, gravações ou filmagens. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Compromisso de Coleta, serão mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade da professora Márcia Regina Curado Pereira Mariano. Após este período, os dados serão destruídos.

Itabaiana, ____ de _____ de 2017.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Alexandra Oliveira Monteiro	
Prof. ^a Dr. ^a Márcia Regina Curado Pereira Mariano (orientador)	

Universidade Federal de Sergipe – Centro Campus Prof. Alberto Carvalho
Avenida Vereador Olímpio Grande, s/n Itabaiana – Sergipe. <http://www.itabaiana.ufs.br>

Imagem 23 – Termo de confidencialidade.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana



TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

Título do projeto: Gênero Discursivo Seminário: Um objeto de ensino

Pesquisador responsável: Alexandra Oliveira Monteiro

Orientador: Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Curado Pereira Mariano

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Telefones para contato: (79)

A pesquisadora do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras que normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e, na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes, assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, ____ de _____ de 2017.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Alexandra Oliveira Monteiro	
Prof. ^a Dr. ^a Márcia Regina Curado Pereira Mariano	

Universidade Federal de Sergipe – Centro Campus Prof. Alberto Carvalho
Avenida Vereador Olímpio Grande, s/n Itabaiana – Sergipe. <http://www.itabaiana.ufs.br>

Imagem 24 – Termo de compromisso para coleta de dados em arquivo.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana



Termo de consentimento livre esclarecido

Eu, _____, aluno(a) do nono ano do ensino fundamental, da Escola Estadual 17 de Março, localizada no município de Aracaju/SE, autorizo a professora Alexandra Oliveira Monteiro a utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto “Gênero Discursivo Seminário: Um objeto de ensino”, desenvolvido pela mesma, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despersonalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Itabaiana, ____ de _____ de 2017.

Assinatura por extenso

Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

Eu, _____, residente na cidade de _____, no Estado de Sergipe, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Itabaiana, ____ de _____ de 2017.

Assinatura por extenso

Universidade Federal de Sergipe – Centro Campus Prof. Alberto Carvalho
Avenida Vereador Olímpio Grande, s/n Itabaiana – Sergipe. <http://www.itabaiana.ufs.br>

Imagem 25 – Termo de consentimento.